CONHECIMENTOS UTEIS.

A INDUSTRIA FABRIL E OS TRACTADOS.

1442 Esta importantissima questão agita hoje a parte sensata e pensadora da Nação Portugueza; um susto geral desanima os nossos fabricantes e todos os artifices que se occupam em diversos officios, emquanto os proprietarios vinhateiros se enchem de lisongeiras esperanças, imaginando que a Inglaterra nenhum outro vinho gastará senão o de Portugal, que se rebaixarão os direitos de consumo a tal ponto, que as nossas exportações de vinhos duplicarão e triplicarão em poucos annos. Muito se tem escripto, muito se tem fallado a este respeito; muitos conselhos nos teem dado os nossos *antigos* e fieis *alliados os inglezes*, com aquella bôa fé que sempre tiveram e que lhes é propria; vejamos porém os argumentos de *pró* e *contra*, e depois manifestarei a minha humilde opinião a este respeito. — Aquelles que impugnam os tractados, fortificam-se com as doctrinas da Economia Politica e discorrem da seguinte fórma. — « A primeira coisa que negamos (dizem elles) é que possa haver tractados entre uma nação pequena, enfraquecida por contínuas dissenções politicas, extenuada de capitaes monetarios, e entregue ao luxo, como é Portugal, e outra nação poderosa, grande e distincta pelo seu egoismo, ou patriotismo, que já vem de muitos seculos passados, e que por isso está profundamente radicado, e identificado com todos os habitantes, como é a Inglaterra. Os verdadeiros tractados sómente podem ter logar entre duas nações eguaes em forças, riquezas e civilisação; porque n'esse caso póde-se conceder — 1.°, que elles são feitos espontaneamente: 2.°, que ha perfeita reciprocidade: 3.°, que póde haver mutuos interesses entre os contractantes. — Isso que se chama — tractados — entre uma pequena e uma poderosa nação deve-se chamar — capitulação — da primeira com a segunda, acceitando as onerosas condições que esta impõe áquella, porque lhe não póde resistir. Taes tractados são uma meia conquista, e o estado em que ficam as nações que os celebram é o de meia guerra: elles são ruinosos á forte e á fraca nação. A esta ultima; porque fica ligada de pés e mãos, não póde desinvolver a sua industria, não póde commerciar livremente, fica afrontada, o despeito lhe serve de contínuo aguilhão para reagir quanto podér contra a oppressora, recusa-lhe os artefactos e as mercadorias; porque se envergonha cada individuo de trazer sobre si vestido o signal da sua escravidão, ou de ver na mobilia da sua casa e da sua mesa um traste que — em muda mas forte linguagem lhe diz a todo o momento: — *és um vil escravo entre as nações da Europa, um ignorante que nada sabes fazer, e que estás condemnado a cavar a terra, e a guardar um rebanho; porque assim o querem os teus senhores.*

São tambem os predictos tractados nocivos ás nações fortes; porque bem conhecem que só a força os póde manter, que se não fere de balde o pundonor de uma nação briosa, postoque pequena seja, teme as reacções filhas da desesperação, e para evital-as augmenta a força, e faz d'ella contínuos alardos. Entre tanto as suppostas vantagens de um commércio forçado vão-se desvanecendo; porque a pequena nação opprimida e apoquentada empobrece rapidamente, e ninguem poderá tirar dinheiro d'onde o não houver. As outras nações grandes e rivaes, observando os passos d'aquella que obriga as pequenas a serem suas tributarias por via de tractados impostos á força, receiam-se tambem, e indignam-se de vêr que assim lhe tolhem o commércio franco e livre que até alli faziam, por isso se unem para poder resistir a similhante systema, acastelam-se, por assim dizer, excluem dos seus mercados todas as mercadorias e artefactos da oppressora, fazem extensas e particulares linhas de alfandegas para se defenderem, e promovem a sua industria quanto podem. A nação oppressora observa então que se lhe vae fazendo um bloqueio geral, que a penna dos escriptores publicos de toda a parte toca a rebate, e que os povos se despertam com elle, o seu unico apoio é a força, e só a força; a ella recorrem. Mas a força não se póde manter senão á custa de tributos arrancados aos homens laboriosos, e os tributos tem um certo limite d'onde não podem passar, aliás destroem-se as faculdades productivas, e nem sequer a sua sustentação póde o operario obter pelo seu trabalho.

A reunião de todas estas causas referidas faz com que se observe nos portos d'essas nações poderosas e oppressoras entrarem por um lado as frotas carregadas com os despojos dos vencidos, ao mesmo tempo que outras frotas vão saíndo carregadas de emigrados famintos, que vão procurar meios de viver a remotos paizes. Rebombam nas capitaes as salvas de artilheria celebrando victorias, entretanto que uma alluvião de mendigos fere os ouvidos dos passageiros com seus gemidos. Parece que alli se amontoam os capitaes monetarios de todo o mundo; mas apparece um grande *deficit* na renda publica, e para cobril-o é preciso recorrer aos mais arbitrarios tributos que se podem imaginar; a divida publica é enorme, e causa espanto vêr sómente a sua cifra; a contribuição para os pobres é tal que excede a renda de algumas nações, e nem assim mesmo chega; pois ainda falta para mais de 16$000 mendigos, sem contar n'este numero coisa de 30$000 vadios, ladrões e prostitutas que infestam a capital. (Veja-se a statistica da Inglaterra por Morau de Jonnes).

Esta é a sorte de todas as nações oppressoras e conquistadoras; cégas da cobiça não podem vêr o luminoso facho da Economia Politica, que as poderia guiar com segurança, e lhes mostraria que — « sem nenhumas violencias tirariam mais vantagens de um commércio voluntario e livre, do que hão-de tirar d'aquelle que fôr regulado por tractados forçados. »

Vejamos agora o que dizem os Colbertistas, ou apaixonados das fabricas. — Desgraçada Nação Portugueza, se porventura perder as suas nascentes fabricas, a sua industria infantil, que tão bons indicios dava de fazer-se robusta e adulta dentro em poucos annos!... Desgraçada por certo, que não é possivel existir uma nação entre as da Europa civilisada, e até muito corrompida, sem ter industria fabril. As fabricas são a causa principal do progresso da agricultura; porque augmentam o valor das materias primas que ella produz; de um arratel de linho em rama que val 300 réis, podem fazer um tecido que valha 3$200 réis, e umas poucas de varas de renda do valor de 150$ réis; de outro arratel de seda que em bruto valerá 6$000 réis, podem fazer um estofo que se venda por

36$000 réis: assim tambem da lã, das pelles e de todos os mais productos brutos. ¡ E que familias, que braços portuguezes se não empregam n'estes trabalhos e ganham a sua sustentação honestamente.!

Mas, não é sómente da agricultura que as fabricas se alimentam, ellas dão valor a objectos que nenhum tinham: as argillas e a galena fabricando loiça grosseira; as mesmas argillas, a pederneira e o spato fusivel empregando-as na porcelana; o ferro, o chumbo, o cobre, o estanho em diversas manufacturas, essencialmente precisas á sociedade, e que jazem desfigurados nas entranhas da terra. ¿ E quem terá mais de tudo isto do que nós os Portuguezes? As argillas brancas para faianças denominadas — *pó de pedra* — e para porcelanas encontram-se aqui em Lisboa logo abaixo dos arcos do Carvalhão, e melhores ainda n'uma immensa *strata* que fica ao nivel da casa em que se acha estabelecida a eschóla Veterinaria, que d'alli vem seguindo para a cêrca do extincto Collegio dos Nobres aonde, ao pé dos gigantes que sustentam o muro, jaz a 80 palmos de profundidade; tambem se encontra em Cascaes e Cintra, em S. Pedro do Sul, villa do Conde e outras muitas terras. Dictas argillas muito boas para faianças de vidrados de cobrir, encontram-se aqui em Lisboa, em Leiria, Coimbra, Aveiro, Alcobaça e Caldas da Rainha. Dictas proprias para cadinhos, em Soure, Cordinhão e Coimbra. Dictas proprias para fazer vidro de garrafas, em Sagres juncto do Cabo da Baleeira. Dictas fulonicas para preparo das lãs, aqui em Lisboa por detraz da cêrca das Necessidades, e melhor ainda na Ilha de S. Miguel. Dictas para telhas e tijolos por todo o reino. Nós temos a Puzzolana, para fazer as argamassas hydraulicas, na Ajuda; as arêas fusiveis para vidro no Covo, Leiria, Alfeite e outros muitos sitios; o spato fusivel granulado, juncto na Junqueira, na Serra do Gerez e da Estrella. Temos excellentes marmores, porfidos, e granitos; os primeiros dictos em Estremoz, Arrabida, Collares, Mafra, Oeiras, Leiria, Lagarteira, Ega, Lorvão, Monte-Redondo, Ancião, Minde, Penhalonga, Evora; os porfidos no Bussaco, e os granitos em Elvas, Goes e provincias do norte; no Cabo da Roca, etc. Temos excellente christal de roca no Gerez, na Serra de Estrella, e por muitas partes de Traz-os-Montes. Temos o vidro moscovitico ou talco ahi pelas pedreiras de Alcantara, no Gerez, e por muitas serras do Minho; immensas pyrites marciaes para extraír enxofre e caparrosa, desde a Cabeça de Montachique até Torres Vedras, Bellas e Villa-Verde; do carvão de Buarcos póde-se extraír muita caparrosa. Temos o asphalto denominado de Seissel em Torres-Vedras no Val dos Pesos, e melhor ainda em Angola; — as minas de carvão de pedra são abundantissimas em Buarcos, em Subserra, Cezimbra, N. S. do Cabo, Óbidos, Porto de Moz, Ourém, Leiria, Espite, Sanfins e muitos outros sitios aonde apparecem todos os dias; — o litentrax, ou lignites, em S. Pedro da Cova.

Temos diversas minas de ferro, em Foz d'Alge, Castelões em Traz-os-Montes, Serra do Gerez, e melhores ainda na Costa d'Africa em diversos sitios; de chumbo em Val dos Reis e Ventozelo; de estanho na Rebordosa, Sabrosa e outros muitos sitios; de cobre em Aljezur, e juncto de Vizeu; de oiro e de prata alli mesmo nos suburbios, na Adissa, Entre Torres, e por muitos outros sitios do reino; mas as mais ricas e abundantes são na Africa em Abutua. — Temos semimetaes, como por exemplo o arsenico da Serra da Estrella, que serve para as fabricas de cobre branco, e para uso das estamparias; molibdeno para fazer penas de lapis no Marão e Amarante: tambem serve para fazer cadinhos.

Temos o maganez para uso das fabricas de vidro e de loiça em Ancião, Alcobaça e Louzã; o antimonio para uso de boticas e para as ligas de que se fazem os typos de impressão, na provincia do Minho e por muitas outras partes do reino; o mercurio ahi da outra banda do Téjo, em Castello-Branco e no Algarve; temos o cinabre, as ocras amarellas, e a terra de sombra no Alémtejo e por muitas partes do reino, bem como na ilha do Principe; e o verde montanha no Bussaco; abundantes minas de plombagina em Sagres, e alli mesmo pedras de afiar com azeite as navalhas de barba e lancetas, bem como uma rica mina de marmore *pudim*; temos ardosias de polimento em Aljezur e Valongo, e outras mais inferiores em Villela, districto de Villa-Real em Traz-os-Montes; temos abundancia de turfa na Comporta para extrair o oleo que dissolve a goma do Pará, e para uso das cosinhas; outra leve e com pouco cheiro Entre Torres, e grande quantidade d'ella em S. Pedro da Cova, juncto do Porto.

Temos muitas drogas para tincturaria, e muito boas, como são a granza ou rúbia, que se dá por toda a parte d'este reino; a grã do carrasco no Algarve, que ainda se colhe alli e se vende em Tavira; o verde bexiga do mesmo paiz, a grã de Avinhão que tambem alli se colhe, o lirio dos tinctureiros da Beira e Traz-os-Montes; a giesta e amoreira dos tinctureiros, o sangue de drago, que prospera por toda a parte e que existe na Ajuda; a nogueira e sumagre, o anil da Costa d'Africa; a raiz de varias especies de *galios*; o sanguinho, o carvalho das charnecas; o *iposistide*, o marmeleiro, o *osiride*, e mil outros arbustos e arvores de que se tiram côres vermelhas e amarellas, ou tanino excellente, como por exemplo a cornilheira; temos a urzella de Cabo-Verde e de Angola, o lichen copé e outros muitos; temos diversas gomas na Costa d'Africa, e no reino, a soda, a potassa, e tudo quanto se póde desejar para uso das fabricas.

Estultos inimigos da industria fabríl, negae se podeis a existencia d'estas riquezas, ou confessae que Portugal foi dotado pela natureza e destinado pela sua posição geographica, e habilidade dos seus habitantes a ser uma nação industriosa e fabricante; embora vos ponhaes do lado dos nossos oppressores, e com frivolos e puerís argumentos os queiraes defender, vós não o conseguireis; porque a natureza por um lado, e por outro a urgente necessidade de procurar meios de subsistencia ha-de fazer com que a industria prevaleça. Teem apparecido á luz ultimamente uma enxurrada de escriptos anonimos, insidiosos e venaes, a querer-nos deitar poeira nos olhos, suppondo-nos idiotas, desmemoriados e tôlos; mas nós abrimos a infeliz historia dos nossos tractados com os nossos *antigos* e *fieis* alliados, e respondemos com os factos.

As nossas fabricas de Portalegre e Covilhã estabelecidas pelo conde da Ericeira fizeram logo tão rapidos progressos que suppriam todas as precisões do reino e das conquistas, nem houve n'aquelle tempo al-

guem que se lembrasse de dizer que vinham de Hispanha os tecidos para alli receberem um sêllo e passarem por nacionaes, antes sim o governo prohibiu em 1684 e 1685 a importação de panos, sarjas e droguetes estrangeiros, de fórma que as importações inglezas d'aquelles tecidos, que eram permittidos, ficaram reduzidas ao valor de 400$000 lib. sterlinas. Mas os nossos antigos e fieis alliados aproveitaram logo o primeiro ensejo que tiveram, embriagaram o governo com as fallazes e fantasticas vantagens do augmento das exportações do vinho do Doiro recebendo-o por menos um terço dos direitos que pagavam os vinhos de França e fez-se o tractado de 1703; ¿mas qual foi o resultado? As importações de lanificios inglezes, que eram de 400$000 lib., passaram a ser de um milhão e tresentas mil (1:300$000) e as exportações dos nossos vinhos augmentaram apenas 698 pipas!!!!.....

Andaram os tempos, o marquez de Pombal reparou quanto pôde os estragos causados por este infausto e desgraçado tractado, fez novas fabricas, e assim como antes de ser ministro pôde descobrir a insidiosa viagem de naturalistas inglezes (1), que se destinava a ír observar os portos e bahias do Brazil com apparentes pretextos de augmentar os conhecimentos botanicos; mas com o refalsado projecto de servirem as suas indagações a facilitar a surpresa que nos pertendiam fazer com uma esquadra que então se preparava, tambem depois sendo ministro sustentou com varonil coragem os interesses de Portugal, e pôde resgatar-nos do abatimento, pobreza e escravidão em que nos achavamos: cuidou nas exportações e augmento do Doiro (a seu modo e segundo as idéas do tempo) mas protegeu a industria fabril ao mesmo tempo e chegou a vêl-a em grande auge. No anno de 1798 as exportações das nossas manufacturas para o Brazil e mais possessões ultramarinas chegaram ao valor de dez milhões tresentos e vinte e nove mil cruzados (10:329$000 cruzados): no de 1799 a quatorze milhões oitenta mil setecentos e cincoenta cruzados (14:080$750 cruzados) (2): cujo valor é maior do que o de todo o vinho do Doiro, e mais do que se exporta pela barra de Lisboa e de todos os mais portos; mas a entrada dos francezes, e sobre tudo o infausto tractado de 1810 reduziram estas exportações ao valor de 1:129$000 cruzados. Eis-aqui os factos vêde-os e ponderae-os.

No anno de 1821 julgava-se que as nossas fabricas estavam totalmente extinctas, que nem restavam já vestigios d'ellas; mas o ministro do reino que então era Filippe Ferreira de Araujo e Castro apresentou ás côrtes um relatorio em que mostrou a existencia de tres mil, nas quaes se empregavam 15:000 operarios e se fabricavam todos quantos objectos precisa uma nação. Ora, se no estado da maior decadencia ainda assim se empregavam 15:000 operarios, os quaes necessariamente deviam ter familia, segue-se que, pelo menos, sustentando cadaum 2 individuos, ainda viviam da industria fabril 45:000: ¿e será coisa exagerada e desarrasoada o suppôr que este numero podesse crescer com a prosperidade das fabricas a duas vezes mais? Por certo que não, e d'ahi se segue que mais 90:000 homens empregados nos trabalhos fabrís adquirindo meios de viver e dando valores maiores aos productos brutos da agricultura e das minas, seriam não sómente utilissimos a este reino; mas até fariam maior consumo em vinhos do que ha-de resultar d'essas sonhadas venturas do tractado. Feliz a nação aonde os productos da agricultura acham consumo nas fabricas; porque então o sangue politico monetario circula dentro do corpo social e vivifica todas as suas partes ao mesmo tempo.

Mas!..... ¡Como se poderá conhecer a utilidade das fabricas se parricidas mãos as estrangulam ainda na infancia!..... Deixae crescer e viver essas innocentes creaturas, que são talvez o unico sustentaculo d'esta definhada nação, envergonhae-vos de estar vós mesmos Portuguezes (se tal nome vos podemos dar) a untar de mel os bordos da taça venenosa, que haveis de esgotar até ás fezes, e considerae que a illusão dura pouco, e depois os illudidos se junctarão com todos aquelles que lhe fallavam a linguagem da verdade, e cairão sobre os illusores.

Temos visto os argumentos dos defensores da industria fabril, vejamos agora os que fazem os vinhateiros. — «Desde que as Pautas se pozeram em vigor (dizem estes) os nossos vinhos se estagnaram; por quanto, dizem os negociantes inglezes, que não podendo vender os seus lanificios e outras manufacturas tambem não podem comprar os nossos vinhos.

A industria não se encerra sómente nas fabricas, tambem é uma grande fabrica a agricultura das vinhas, e fabrica já experimentada que tantas riquezas deu a Portugal. É certamente uma mania querermos nós ser fabricantes, que temos tão bom terreno e céu que nos cobre, devemos cavar a terra unicamente, cultivar laranjas e fazer algum sal, como nos aconselha um — *Antigo Observador das coisas de Portugal* — que é nosso amigo; porque é dos nossos antigos e fieis alliados, então veremos cobrir as nossas praias de immensos navios estrangeiros, que nos hão-de trazer o vestuario e o calçado, os enfeites para o bello sexo brilhar nos bailes; as carroagens, os moveis das casas, as obras de fundição e as ferragens, nem importa nada que se apaguem todas as nossas forjas, fornos e fornalhas das máchinas de vapor com as innundações do Tamisa; por que de lá nos vem tudo mais barato, e grande utilidade é isto para os consumidores, como affirmam alguns illustres deputados. Tambem nada importa que morram as pescarias, principalmente a de bacalháu, que cheira mal ao distincto *Observador das coisas de Portugal*; os inglezes sempre nos trouxeram o bacalháu preciso, e como já não temos o oiro que vinha do Brazil, e os cruzados novos desapparecem, necessariamente todos os artigos de importação que vierem da Inglaterra hão-de ser pagos em vinho; as exportações d'este genero hão-de ser ainda maiores do que no tempo da guerra continental. Não importa que se fechem as fabricas da Co-

(1) Consta tudo isto da correspondencia do Marquez de Pombal para o Conde da Ericeira em muitas cartas que existem formando uma curiosa collecção; a correspondencia é datada de Londres, e o Marquez então nem era titular nem ministro, era Sebastião José de Carvalho.

(2) Puz por extenso e por duplicado a importancia das exportações de nossas fabricas, para que os leitores a não reputassem erro de imprensa; porque referindo isto mesmo na camara dos Pares houve quem se risse, e ouviu-se uma voz de mofa — historias; — ¿mas sobre quem deve recaír esta mofa? Diga-o o leitor, que póde consultar os Ensaios Statisticos de Portugal por M. Balbi, t. 1.° pag. 445.

vilhã e Portalegre; porque são portas de contrabando dos panos de Hispanha: os nossos fabricantes apenas dão burel, e esse mesmo compram-n'o ás tecedeiras particulares, depois tingem-n'o de pardo e de azul, este ultimo vae para os fornecimentos do exército, o outro vende-se ao povo trabalhador. O vinho, o vinho sómente é o Potosy de Portugal, oxalá que se fizesse uma companhia de monopolio em Lisboa e outra no Porto, de maneira que ninguem podesse comprar um quartilho de vinho senão nas tabernas dos monopolios, e da mesma fórma os licôres e toda a qualidade de agua-ardente; tendo isto e as eschólas da Propaganda da Fé não precisamos de mais nada para a nossa completa felicidade, e para mostrarmos ás nações da Europa quanto nos temos adiantado em civilisação e conhecimentos de Economia Politica desde 1820 até ao presente.»

Tendo exposto com singela verdade tudo o que se tem dito pró e contra os tractados, direi a minha humilde opinião sobre elles. A primeira coisa a observar é que o nosso Governo, e tambem o illustre negociador a quem foi comettido tão importante negocio são dignos de elogio; porque teem resistido muito, e com muita coragem ás pertenções excessivas da Inglaterra: honra lhe seja feita; porque tenho esperanças que elles hão-de obter o mais que possivel fôr em nosso proveito, tendo attenção á Agricultura, sem causar prejuiso ás fabricas, como teem promettido solemnemente em ambas as Camaras. Eu vou sómente discorrer como politico sobre hypotheses, e por isso a ninguem posso offender; porque não tendo logar a hypothese tambem não póde caber o argumento.

1.ª hypothese: — Dado que se verifiquem as ameaças e vaticinios que faziam os inglezes aqui residentes de que as *Pautas iriam a terra*, *os direitos seriam fixos*, *reduzidos á ametade e deduzidos ad valorem*, em compensação do que o governo inglez rebaixaria na importação dos vinhos (mas sem favor privativo aos nossos) coisa de dez a doze libras, digo que ficamos muito peior do que com o tractado de 1810; porque os direitos dos pannos finos regulam-se agora por 20 a 21 por cento; redusidos á ametade ficam a 10 ou 11 por cento e dedusidos *ad valorem* sobre factura jurada ficam em zero; pois todos sabemos que é perfeitamente illusoria a condição de poder ficar a Alfandega com as mercadorias em que julgar existir fraude nas facturas; porque não tem dinheiro para as pagar com mais 10 por cento, nem mesmo que fosse de menos. Os algodões pagam agora (com rarissimas excepções) quinze por cento, e reduzidos á ametade ficam a 7 ½ por cento, e de resto o mesmo que acima dicto fica. A obra feita paga grandes direitos, que regulam pouco maisou menos tanto como o valor d'essa mesma obra; reduzidos á ametade ainda seriam capazes de proteger os nossos officios: mas sendo tirados *ad valorem* ficará a dicta obra feita com direito e sua importancia da factura por menor valor do que essa mesma obra custou na Inglaterra, e todos os officios se arruinarão; porque não é possivel resestir ás alluviões de fazenda, que as sociedades inglezas, formadas *ad hoc* costumam enviar aos nossos mercados, e vender com perda para arruinar as fabricas, e tirar depois um ganho que recompense com usura essa primeira perda: assim aconteceu no Porto depois do tractado de 1810 com o fim de arruinar a fabrica de loiça do Cavaquinho e mais a de chitas dos Clamuzes, o que promptamente conseguiram. — O mesmo que digo das fabricas de lanificios e de algodões é applicavel ás de fundições de ferro e de todas as qualidades: tudo terá o mesmo fado e ainda mais promptamente do que resultou dos tractados de 1810.

2.ª hypothese: — No caso de se rebaixarem 10 ou 12 libras aos direitos de cada pipa de vinho augmentarão as exportações do que se produz no Doiro? — No acto de se publicar o tractado póde ser que sim, que haja occultas insinuações para isso, e que se sacrifiquem de proposito algumas mil libras porque se teme o golpe (que é terrivel) mas isso é a isca para que engulamos o anzol até ás guelas, para que alli se crave bem, e que depois se não possa tirar. Todo esse favor da diminuição dos direitos ha-de redundar em proveito dos inglezes estabelecidos no Porto, que forem compradores de vinho, emquanto se poderem conluiar, e emquanto não crearmos Bancos Ruraes que protejam os lavradores e que os defendam d'esses conluios; mas a creação desses Bancos ha-de ser sempre desviada por influencia dos mesmos inglezes, para conservarem o seu conluio, que já existia antes da creação da Companhia, que appareceu sempre no tempo d'ella e nos annos em que as causas externas das guerras o não faziam abortar; que appareceu depois da extincção dos monopolios, e existe ainda.

3.ª hypothese: — Dado que se verifique esse tractado, como se diz e se espera, ou com outras feições similhantes será pelo menos feliz o Doiro, e as exportações augmentadas poderão recompensar os prejuisos da industria fabril?

A experiencia do passado responde agora: é provavel que haja o mesmo resultado que se observou depois do tractado de 1703 e 1810 com a differença porém de que presentemente importamos mercadorias estrangeiras no valor de 13:000$000 de réis e a balança do commercio causa-nos uma perda annual de tres mil contos de réis. — Como vão desaparecendo os cruzados novos teem-se recorrido á baixela de prata, que diariamente se está fundindo e sae pela barra fóra em barrinhas; depois do tractado as importações inglezas não terão limite nenhum, metterão aqui fazendas para o consumo de quarenta annos, e por isso a balança de commercio fará desaparecer totalmente a prata amoedada, e a de baixela emquanto a houver até que levem o ultimo talher de prata que nos restar.

Faltam os rendimentos das Alfandegas tanto pela diminuição dos direitos, como pela attenuação das faculdades consumidoras e pobreza geral, que descarnada e gigantesca irá gravar o seu nome sobre o liminar de todas as portas, então a Decima e todos os mais tributos serão necessariamente augmentados (pelo menos nominalmente) e os lavradores vinhateiros e não vinhateiros chegarão a ponto de não poder pagar nem os actuaes tributos nem aquelles que hão-de vir de novo.

4.ª hypothese: — Mas o tractado é de curta duração! Assim o creio porque foi uma revelação que se fez na Camara dos Srs. Deputados e que publicou o Diario do Governo: assim será; mas os estragos que elle nos ha-de causar devem durar muito; pois em politica ha verdades tão certas como em Mathematica, uma vez que se deduzam de principios certos.

Eis aqui pois a minha opinião ácerca do fatal trac-

tado: ella é humilde, porque é minha; o de certo será despresada: deixal-a ser, que a minha consciencia e amor da Patria ficarão tranquillos.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

BAFUREIRA.

1443 Já se terá reconhecido pelos nossos artigos 176, 324, e 1173, a grandissima utilidade que para a amamentação, especialmente nas misericordias se poderá sacar da bafureira, se de véras ha n'ella a lactígena virtude, que pregoam, e transplantada para o nosso clima a não perverte. continuando pois a pedir aos medicos e cirurgiões, que façam na materia todas as possiveis tentativas, continuaremos ao mesmo tempo a ajunctar para este processo quantos documentos nos vierem á mão. — A carta, que abaixo transcrevemos nos foi graciosamente offerecida pelo Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira, que fallando do cavalheiro que lh'a escreveu, nol-o abona por pessoa de toda a confiança, residente n'aquelle tempo na *ilha de S. Nicoláu*, e ao presente n'esta cidade de Lisboa.

(*Carta.*)

Exm.º Sr. — Joaquim Marques, capitão de navios, e sua mulher D. Maria do Carmo Marques, naturaes d'este reino, foram para Cabo-Verde em 1808 por causa da invasão franceza, e estabeleceram-se em S. Nicoláu em 1812 ou 13: teve esta senhora a infelicidade de perder a vista, um anno depois, pouco mais ou menos, teve um filho por nome Antonio; vendo-se ella impossibilitada de o crear, chamou uma mulher por nome Maria Ganeta, que costumava a visitar a sua casa e fazer-lhe algum serviço como criada, e lhe pediu quizesse incumbir-se de amamentar seu filho; esta mulher contava então 71 annos de edade; não poz objecção, fez o tractamento sabido com a planta lá chamada bafureira, e em S. Thiago jagué-jagué; no terceiro dia veio-lhe o leite em muita abundancia; e creou o menino forte e robusto, sem ter nunca a mais pequena molestia: os paes do rapaz ainda existem, e elle tambem: o leite da velha foi examinado por um medico inglez, que o achou excellente.

Bem podia eu narrar a V. Ex.ª centos de casos como este, e dar-lhe os nomes de muitos que foram assim creados por avós, tias, primas, e mesmo por algumas mulheres charitativas, que não são raras n'aquellas ilhas; porém limito-me só a este caso por ser o mais extraordinario, em razão da grande edade da mulher. V. Ex.ª póde affiançar, e affirmar isto em qualquer parte sem receio de ser desmentido.

Sou com todo o respeito e amizade
De V. Ex.ª
Att.º venerador e amigo obrigado
João Antonio Leite.

DO EFFEITO RETROACTIVO DAS LEIS.

1444 É doctrina trivial que as leis não podem ter um effeito retroactivo. Mas nem por ser esta maxima geralmente conhecida e approvada é geralmente intendida. A jurisprudencia nem sempre tem sido aconselhada pela Philosophia. Os jurisconsultos, como a maior parte dos homens preferem recorrer á Etymologia para explicar o sentido das palavras: methodo, sem duvida, mais commodo e até mais proprio para se ostentar erudição; mas o mais avesso ao descobrimento da verdade.

Assim aconteceu aos jurisperitos que attendendo só á força grammatical da palavra *retroactivo*, concluiram: que não é licito em nenhum caso fazer obra por uma lei actual quando se tracta de um facto acontecido antes da promulgação d'essa lei.

Partindo d'esta grande generalidade, dizem elles, por exemplo: que um tribunal creado posteriormente a um facto não é competente para conhecer d'elle, quando a lei tinha feito o seu conhecimento privativo d'outro tribunal, ora extincto. Assim dizem tambem que ao réo se não póde impôr maior pena do que a que se achava irrogada á especie no momento em que elle commetteu o delicto; postoque, depois d'isso e antes do julgamento, a lei tenha aggravado a pena para similhantes casos.

Sem duvida: attendendo-se unicamente ao sentido litteral das palavras, dá-se á lei em ambos estes casos, um effeito retroactivo; mas não no sentido philosophico ou juridico.

N'este sentido, o effeito da lei consiste em confirmar ou denegar direito a alguem; digo confirmar ou denegar direito; porque as leis não criam nem anniquillam direitos; mas declaram e sanccionam os que realmente existem; ou negam que existam e recusam sanccionar os que o legislador considera como não existentes. Se assim não fosse; se emvez dos direitos serem anteriores á lei do Estado, d'elle tirassem a sua origem, como erradamente ensinam muitos jurisconsultos; não haveria lei que se podesse chamar injusta; pois que esta qualificação indica que ella ataca direitos fundados em alguma lei anterior a todas as leis humanas, que é a que se chama *a lei do justo*.

Todas as vezes pois que se tracta de saber: se se póde applicar uma lei a algum facto, quer anterior, quer posterior a ella, o que se pergunta é: se ella confirma direitos não existentes no momento em que o facto aconteceu, ou se denega a existencia dos que realmente existiam. Se assim é, a lei não é applicavel ao facto; quer elle seja anterior, quer ulterior á publicação d'essa lei.

Mas se a lei, emvez de confirmar direitos não existentes, sancciona direitos que realmente existiam quando o facto aconteceu, applicar a lei a esse facto ou, o que val o mesmo, dar-lhe um effeito retroactivo, no sentido litteral das palavras, não é commetter um abuso, não é dar-lhe effeito retroactivo no sentido juridico; pois isso só se poderia dizer no caso em que applicando a lei ao facto anterior se denegassem direitos que realmente existiam n'esse tempo.

Quando pois se diz que não se deve dar ás leis um effeito retroactivo, quer-se dizer: que se não deve applicar para anniquillar direitos que n'quella épocha existiam, postoque tenham depois cessado d'existir: nem para dar como existentes então direitos que só ulteriormente começaram a existir.

Fazendo applicação d'esta doctrina aos dois exemplos acima citados observa-se que não é dar á lei um effeito retroactivo que a razão prohibe, mandar processar uma causa perante um tribunal creado para succeder áquelle que era competente no tempo em que o facto aconteceu, porque a lei que isso manda nada faz mais do que reconhecer o direito que tinha n'esse praso a nação de sondar as competencias e alçadas como melhor conviesse á ordem publica. O direito de jurisdicção refere-se ao facto da citação e não ao facto da demanda: e sendo o facto da citação posterior á lei, não se dá a este um effeito retroactivo quando se leva a causa perante o tribunal creado para esse fim.

Quanto ao exemplo da pena maior; deve-se confessar que haveria injustiça em infligil-a ao culpado

emvez da pena mais leve marcada na lei vigente quando elle commetteu o crime, se a sociedade houvesse permittido ao criminoso a escolha de commetter o crime com a condição de lhe não applicar maior pena, mas a sociedade não lhe consentiu commetter o crime debaixo de nenhuma condição; e portanto applicando-lhe as disposições de lei moderna não se ataca nenhum direito que o culpado tivesse; pois seria absurdo dizer que ha direito para se commetter um crime em taes ou taes casos, com taes ou taes condições.

Dá-se pois effeito retroactivo a uma lei, em sentido juridico, quando applicando-a a um facto anterior se atacam direitos que existiam no momento em que elle se effectuou.

Se fazendo-se uma similhante applicação da lei não se ataca direito algum que existisse n'essa occasião, não se póde dizer que se abusou da lei dando-se-lho um effeito retroactivo. *Silvestre Pinheiro-Ferreira.*

1445 Agradecemos ao Sr. Administrador do concelho de S. João da Pesqueira o seguinte mappa, que elle teve a bondade de nos remetter: postoque só vérse sobre uma mui diminuta porção do territorio portuguez servirá para espertar a curiosidade de outros. Gente ha, bem o sabemos, que tem por espaço perdido em um jornal o em que taes coisas se enthesoiram, mas todos os homens sensatos e amigos da patria sabem a extrema falta, que temos, de statistica, e os incalculaveis beneficios, que d'ella podem resultar para o bom governo e administração. *A Revista Universal Lisbonense* pouco se embaraça com agastamentos de enjoadiços, quando intende que faz obra de nacionalidade e de proveito.

Districto Administrativo da Guarda. Concelho de S. João da Pesqueira.

Mappa da População do Concelho da Pesqueira, seu movimento, relativo ao anno de 1842.

Freguezias.	N.º dos Fogos.	N.º dos habitantes. Do Sexo Masculino	N.º dos habitantes. Do Sexo Feminino	Movimento da População. Nascimentos. Do Sexo Mascol.º	Nascimentos. Do Sexo Femin.º	Obitos. Do Sexo Mascol.º	Obitos. Do Sexo Femin.º	Casamentos.	Observações.
S. João da Pesqueira.	204	323	374	32	30	12	25	3	Este concelho não se lhe póde calcular uma quantia certa do que paga de decimas, impostos annexos, subsidio, receita eventual, congruas de parochos, terças etc. pelas alterações que apparecem: o anno passado pagou réis 6:292:986, cabe por fogo 3899 réis, e cada alma 1022 réis.
S. Thiago da Pesqueira	168	281	299	14	11	14	9	1	
S. Maria da Pesqueira	121	178	199	8	1	8	9	2	
S. Pedro da Pesqueira	93	157	155	10	5	5	4	3	
Vagozello.....	122	249	242	4	9	10	3	2	
Santello.....	170	336	361	7	9	4	4	4	
Ervedosa.....	270	713	692	24	12	12	13	5	
Casais.....	61	115	121	2	3	4	3	»	
Serzedinho.....	46	50	35	4	»	4	2	2	
Villaroco.....	196	372	371	12	8	14	13	3	
Pereiros.....	82	106	123	2	3	4	3	1	
Val de Figueira.....	81	149	117	3	3	5	4	4	
Somma	1614	3029	3089	122	94	95	84	30	

Pesqueira 1 de fevereiro 1843. O Administrador do Concelho

Antonio Manuel do Sobral.

ACHADA PARA SURDOS.

1446 Subindo ha dias o Sr. José Silvestre de Andrade, para a secretaria da guerra, de que é official maior, no meio das escadas lhe appeteceu tomar rapé: para abrir a caixa metteu entre os dentes uma folha de papel que na mão trazia dobrada em quarto; e continuando a subir se admirou de ouvir o som dos seus proprios passos, do que ha muitos annos estava privado. Não caindo em que seria effeito do papel, tirou-o de entre os dentes tão casualmente como lá o pozéra: notou porém que o ouvido lhe recaía no seu deserto habitual: advertido por esta segunda novidade, restitue aos dentes o papel, e torna a perceber claramente sons que d'antes lhe eram imperceptiveis. D'ahi em diante, nunca recorreu a este expediente que lhe não surtisse o melhor effeito. Na ultima conferencia do monte-pio das secretarias foi de proposito sentar-se onde o tinha por costume, e d'onde nunca ouvíra uma palavra da acta: d'esta vez, com o papel na bocca nem uma conjuncção lhe escapou!

Hoje o Sr. Andrade, graças a este meio facillimo póde tomar parte nas conversações, para as quaes muitas vezes, e de balde, havia recorrido ás bozinas acústicas mais perfeitas. ¿Será o seu remedio efficaz para todas as surdezes? não ousamos accredital-o, mas pouquissimos que d'elle se approveitem, por de grandissima valia se deve ter um tal invento. D'esta maneira a condição dos surdos, poderá ainda em muitos casos ser preferivel á das outras pessoas: n'uma discussão a que sejam forçados a assistir, mettendo ou tirando da bocca o seu papel, segundo se forem revesando os

interlocutores, gozarão do que fôr para gozar, forrando-se ao incommodo dos causticos verbaes. Na ópera-lyrica, em o Sr. Sargedas cantando, passarão a abençoada folha dos dentes para o bolço, e do bolço para os dentes apenas principie a declamar. Com o Sr. Figueiredo farão inteiramente o contrario.

Uma folha de papel com tal magia, val mais que muitas inscripções de divida publica.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

RENDIMENTO DA FORTALEZA DE ANGRA.

16 *de Março de* 1642.

1447 Os feitos de valor, que obraram os moradores da ilha Terceira, e os primores de lealdade, com que se destinguiram nas tres memoraveis épochas da acclamação do Senhor D. Antonio, da restauração do Senhor D. João IV, e da sustentação dos direitos da nossa Augusta Soberana, tornaram esta ilha para sempre celebre nos fastos da historia portugueza. Hoje que nos cabe commemorar o dia em que alli se apagaram de todo os vestigios da dominação castelhana o faremos com a brevidade costumada.

Já na Terceira soavam os vivas ao felicissimo rei D. João IV, já a villa da Praya o havia acclamado restaurador da patria, vencidos os castelhanos em varios recontros, quando os naturaes da ilha intentaram levar a cabo a mais difficil empreza para quem tivesse os meios de a conseguir, quanto mais para homens faltos de toda a especie de soccorro; despresando porém obstaculos, com heroica perseverança vieram por fim a senhorear a inexpugnavel fortaleza de S. Filippe, que depois se ficou chamando de S. João Baptista, da leal cidade de Angra. Estava esta fortaleza guarnecida de cento e sessenta peças de artilheria: compunha-se o seu presidio de quinhentos soldados hispanhoes, e quatrocentos auxiliares, bem providos de mantimentos e munições: era seu governador D. Alvaro de Viveiros de coração intrepido e ousado para qualquer commettimento. Poucas esperanças restavam pois aos portuguezes de a render por assalto, e assim determinaram de a sujeitar por meio de um apertado cêrco, que por falta de aprestos de guerra se foi prolongando muito além do que permittia a boa vontade dos sitiantes. Acudiu *Castella* com os soccorros para sustentar a valiosa prêsa, mas longe de aproveitarem aos sitiados, só serviram de dar alento aos nossos para perseverarem no assedio, pois que em chegando *Manuel do Cado e Castro*, natural da ilha, com tres navios que comsigo trazia, todos entregou aos expugnadores, prevalecendo em seu fidelissimo ânimo o amor da patria ás promessas de *Castella*. Egual fortuna experimentaram dois navios inglezes que da *Corunha* condusiam munições e mantimentos de refrêsco, porque sendo perseguidos de uma pequena armada nossa, que sulcava aquelles mares, antes quizeram varar em terra, e entregar-se aos portuguezes, do que render-se á armada que tinham por hollandeza. Vendo-se pois os inimigos redusidos ao ultimo apuro, já sem esperanças de soccorro, e opprimidos da fome, requereram ao governador que attendendo ao miseravel estado a que eram chegados a cabo de um anno de tão rigoroso cêrco, houvesse de pôr termo aos grandes trabalhos que padeciam, por onde *D. Alvaro de Viveiros*, depois de ter feito todos os officios de um valoroso capitão, rendeu a fortaleza, saíndo com as honras devidas á sobeja constancia e ousadia, que ostentara na adversidade.

«A nova da ilha Terceira, diz a gazeta de Lisboa do mez «de abril d'aquelle anno, foi de grande alegria para todo es«te povo: repicaram-se os sinos, cantou-se na capella real o «*Te Deum Laudamus*, e assistiram nas tribunas elrei e a rai«nha. Veio em procissão o senhor arcebispo de Lisboa desde «a Sé até á egreja de Sancto Antonio, onde se disse uma «misse votiva. Comeu elrei em publico, e fez mercê de man«dar dar um prato ao capitão-mór *Francisco de Ornellas de* «*Camara*, e outro ao capitão *Jorge de Mesquita*, que trou«xeram a nova, dizendo-lhes a ambos palavras mui honrosas. «Á noite houve luminarias, e d'ahi a dois dias saíu da egreja «da Sé uma procissão geral com o pendão da cidade, e o «senado da camara, e foi ao convento de S. Domingos a dar «graças de tão feliz successo.»

J. C. de Figaviêre.

O seguinte artigo achava-se composto desde o mez de novembro; e bem a nosso pezar só hoje pôde achar cabida n'esta folha.

PETIÇÃO HUMILISSIMA A FAVOR D'UMA CLASSE DESGRAÇADA.

1448 Não sei se a todos aquelles, que passam os serões do inverno, não nos theatros, nem nos banquetes profusos, nem nos bailes esplendidos, mas em aposento de poucos palmos em quadro, rodeados de alguns livros e a sós com o silencio e com os seus pensamentos; não sei, digo eu, se a todos esses acontece o mesmo que a mim, quando o som de chuveiro subito, o silvo do vento, e o bramido do mar quebrando lá ao longe nos rochedos da marinha, lhes vem partir a paz do tão suave callar nocturno, e do tão delicioso volver do kaleidoscópo eterno e infinito chamado meditação. Aquelle brado da natureza, que parece gemer angustiada, nem uma só vez deixa de despenhar-me do meu tão formoso universo das idéas no da realidade: então, a vida actual me constrange a tomar por uma das suas estradas de amargura e de espinhos; e, como ao pobre judeu errante, essa voz, que vem invôlta no retinir da chuva e no sibillar do oeste me repete contínuo: — ¡ávante! ¡ávante!

O que em taes caminhos muitas vezes se encontra, não o direi aqui: não o direi aos homens: guardo-o para mim e para Deus. Só de uma d'estas viagens forçadas farei relação, porque é inoffensiva. — ¿Quem sabe, todavia, se ainda, parecendo-me innocente, irá roçar por algum orgulhosinho de pequenino homem grande; suscitar alguma paixão politica? Não o creio; não é tal a minha mente. Mas se por mal de peccados acontecer uma ou outra coisa, não peço perdão da culpa; porque o pedil-o fôra inutil. O orgulho dos homenzinhos grandes não compreende o perdão: e as chóleras politicas são como a çarça do Horéb; lançam fumo e fogo apenas lhes toca a verdade — a verdade que é o Verbo; que é o Filho de Deus.

Approximava-se a meia noite. Tinha acabado de ler uma velha bulla do violento Innocencio III. contra D. Sancho I., bulla sumida nos registos papaes, onde se encontra mais uma prova das muitas, que nenhum dos nossos historiadores soube achar, ácerca da vida do municipio portuguez no seculo XIII. Ao anoitecer o céu estava toldado, a terra húmida, e o ar morno com o bafo tempestuoso do poente. Mas era tarde, como o ladrão nocturno, que a procella queria fazer o seu gyro por entre as habitações dos homens.

Era pois já bem tarde. Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento ramalhou nas arvores meias calvas; e senti-o que se abysmava debaixo das arcarias de pedra.

O meu demonio familiar batia-me á porta. Vinha assentado no dorso eriçado do tufão. Fazendo visagens d'escarneo, quebrava-me com a sua vara de ferro o kaleidoscópo do passado; e rindo amargamente me di-

zia:— ¡ávante pelos caminhos da actualidade!— ¡ávante, sonhador d'abusões!

Obedeci: o meu espirito cahiu no mundo presente — presente na sua mais rigorosa data — uma noite pessima do mez de novembro do anno do Senhor de 1842.

Lá fóra passava o temporal desfeito. — Affigurou-se-me que levado nas azas d'elle corria por agra e longa estrada das nossas provincias do norte. Os robles baixos e reforçados, cuja vida, contraída ao cêpo pela mão do homem, lhes converte os topos em hydrocéles monstruosos, se me assemelhavam aos renques de dolmens druídicos da Bretanha. Quando as nuvens no seu curso precipitado abriam alguma fenda passageira, por onde a lua golfava instantâneo clarão na terra, via-os fugir para traz de mim negros, hirtos, nus, como cadaveres tisnados de coisa que já vivêra. Parei. Ao longe a fita alvacenta da estrada lançada entre os linhares e milharaes refrangia de quando em quando o luar fugitivo da superficie alagada das baixas, e depois alçando-se, como o collo do cisne, sobre um oiteiro, sumia-se no viso d'elle, ao curvar-se para o pendor opposto. A dilatada fileira dos robles era o que unicamente se alevantava da terra por um e outro lado. Pareceu-me, porém, que um vulto distante vinha pela estrada do lado do oiteiro: — era um vulto humano, que ora se encobria na sombra de nuvem negra, que passava chuvosa, ora se desenhava na claridade transitória do céu. Aproximou-se vagarosamente: chegou ao pé de mim: passando, os seus vestidos roçaram-me por uma das mãos: eram frios e molhados: seguiu ávante, sem reparar em mim, que não podia despregar d'elle os olhos: os seus passos eram arrastados e tremulos, vergado o corpo, a fronte nua e calva. E eu olhava para elle fito. A chuva começou de novo a caír cerrada e escura. O vulto encostou-se então a um dos robles da estrada, como buscando abrigar-se; e na cerração de trevas que sobreveio ouvi-lhe um gemido.

Foi um gemido inexplicavel de desalento e agonia. «É mentira:— dizia comigo, tentando quebrar o feitiço d'aquelle pesadello d'homem acordado.

E quebrei-o — e era mentira. Girei n'um circulo vicioso: — pensava eu. — Parti do ideal para chegar ao ideal atravez da realidade.

E de feito — como o leitor facilmente accreditará — estava no meu gabinete, com um tinteiro e algumas folhas de papel diante de mim, tendo do lado esquerdo o segundo tomo das epistolas de Innocencio III. e da direita o primeiro volume de Fr. Antonio Brandão; isto é, da esquerda um papa velhaco, da direita um frade honesto; e como personalisados n'elles o mau e o bom anjo, que seguem sempre e por toda a parte esta cabeçuda alimaria chamada homem.

De resto, a chuva cahia, mas era lá fóra: eu estava enxuto e secco — tanto, quasi, como a alma de um politico: estava bem, agasalhado, commodamente. Só a luz do candieiro é que estava escandalosamente mortiça.

Ergui o braço para a espivitar, e a cabeça para ver se a minha obra era boa. Não sei se n'estas palavras abuso das reminiscencias biblicas. Os theologos o dirão.

O meu *fiat lux* foi cumprido. O candieiro despediu um clarão brilhante, que alagou todo o aposento.

¡Nunca eu tivera practicado este acto de omnipotencia! N'uma porta fronteira, que dava para outro aposento desallumiado, estava o vulto que víra no meu passageiro sonho, immovel, triste, afflictivo como a imagem do innocente suppliciado que apparecia todas as noites sobre o bofete do celebre auctor da Ulissea.

¡Grande coisa é presumir de philosopho! — Não tive medo. *Os espiritos vitaes excitados etc., etc., etc.* — o resto podem ir lêl-o na Encyclopedia Methodica — não sei em que volume, nem a quantas paginas, mas lá ha-de estar. Aquella sancta gente da Encyclopedia sabia e explicava tudo.

Estão já onde ellas se pagam. — Deus se amerceie dos Encyclopedistas.

Mas a figura avultava lá: e eu olhava para ella sem pestanejar. ¡Oh que se vós a víreis!

Era um ancião veneravel: tinha a fronte suave e pallida sulcada profundamente d'essas rugas horisontaes, que são como as ondas que vem morrer nas margens exteriores do oceano tempestuoso dos pensamentos: o seu olhar era esse olhar manso, agasalhador, indulgente, que em certos velhos fascina e subjuga, e que nos faz dizer a nós os moços: — ¡quem me dera ser teu filho! — Nas suas faces cavadas aninhava-se-lhe a fome ou a penitencia....

«¡É a fome!» — bradei eu pondo-me em pé; — porque, correndo a vista ao longo da barba branca do ancião, vi que esta lhe cahia sobre uma cogulla negra de monge benedictino.

Mas a visão desapparecêra de novo: — e apenas me pareceu ouvir soar ao longe uma voz cava e debil, como a que sae de peito consumido por febre pulmonar, que recitava estas palavras do Psalmista:

Judica me Deus, et discerne causam meam et a gente non sancta e ab homine iniquo et doloso erue me.

O meu circulo vicioso não existia. Cahira das idealidades do passado no mundo real, e ahi n'uma das realidades mais torpes, mais ignominiosas, mais brutaes, mais estupida e covardemente crueis do seculo presente, que diante de Deus, que o vê e o condemna, ousa gabar-se de grande e generoso e forte; mas em cuja campa o christianismo e a philosophia escreverão algum dia unicamente este letreiro:

= Aqui jaz a ultima era dos martyres. =

E puz-me a scismar.

¡Erue me! ¡Erue me! — O senhor te resgatará, pobre monge; porque não tarda a bater a hora em que durmas tranquillo na terra fria e humida, fria e humida como a estamenha que te cobre. ¡Possas tu de lá perdoar-nos!

E lançando os olhos em volta, perguntava a mim mesmo: — ¿porque possuo eu os commodos da vida — o pão do corpo e o pão do espirito; — e porque perdeu elle tudo isso? ¿Que bem tenho eu feito ao mundo; que mal lhe havia elle feito?»

Á fé que a minha consciencia não achou uma unica resposta cabal a tão simplices perguntas.

A lembrança do frade velho atormentou-me toda a noite. A imaginação já não m'o pintava na passagem escura, onde surgíra pela segunda vez: via-o na idéa, e ahi, encostado ao roble, procurando conchegar os membros inteiriçados na cogulla encharcada, e resguardar a cabeça calva ao abrigo do robusto madeiro. Errante e mendigo como o rei Lear, o monge não tinha como elle para o guiar na solidão e na procella a charidade de um truão.

É que hoje não ha truões. Este seculo é um grave, sério, e cogitador assassino.

¿De quantos anciãos veneraveis será historia a historia do meu benedictino?

«Mas elles teem pão: os soccorros publicos....» ¡Olé, homens grandes, silencio!

¿Qual é o juro legal de cem milhões? São cinco.

¿Quanto dizeis vós que atiraes dos vossos balcões doirados aos Hotas da sciencia e do sacerdocio? A oitava parte d'essa quantia.

¿Condemnastes já porventura a arithmetica e o direito como superstições do passado? Se é assim; dizei-o. Acceitarei a condemnação, e depois só accrescentarei: ¡mentistes!

Mentistes, porque a somma de que fallaes existe apenas em palavras mais immundamente hypocritas, que as da serpente que tentou nossa primeira mãe — as que se escrevem nas paginas de um orçamento.

¿E a realidade? A realidade é a minha visão: é que o monge é mendigo.

¡Silencio, outra vez, homens grandes! Tambem eu nasci n'esta terra — e o meu sangue ainda não esqueceu o caminho das faces.

¿E se nós, geração do progresso e da philosophia nos convertermos á honestidade, e dissermos — dê-se uma fatia de pão ao que morre de fome! Mais; ¿se dissermos — pague-se o juro legal da expropriação?

Se o fizermos, em logar de sermos mil vezes uma coisa, cujo nome não escreverei aqui, sêl-a-hemos só novecentas e noventa e nove; porque teremos restituido a millessima parte do que violentamente tirámos ou anniquilámos.

O homem não vive só de pão: — dil-o um livro que vós nunca lestes, mas que nem por isso tem deixado de ser por dezoito seculos o abrigo, a doctrina, a crença, e a consolação de innumeraveis milhões de individuos.

Calculastes jámais o que ha de insolente, de atroz, de satanico, em chegar a um velho, tomar-lhe nas mãos todas as suas affeições, todos os seus habitos de largos annos, todas as suas esperanças, mais queridas, e partil-as e calcal-as aos pés, e dizer-lhe depois: — dar-te-hei um bocado de pão? Prometter pão aos setenta annos!..... — ¿Feita a quem esperava morrer abraçado com o passado; que reportava a elle o presente e o futuro; que vivia só de memorias, essa promessa materialista e d'escarneo bastaria para deshonrar-vos. ¿Que nome, porém, se dará aos que nem essa mesma cumpriram?

¿Quaes podiam ser as affeições de antigo monge habitador d'um d'esses mosteiros solitarios espalhados pelas provincias, e affastados do tumulto das grandes cidades? As suas affeições existiam todas dentro dos muros do claustro: era a cella caiada e limpa: era a enxerga do seu catre; era a banca de pinho em que meditava e lia; era a poltrona tauxiada em que se assentava; era a estamenha ou o burel do seu habito; eram as suas sandalias de peregrino: era a arvore da cerca fronteira da janella, onde o rouxinol cantava na madrugada; era o crucifixo do seu oratorio; era a lagem da crasta, debaixo da qual dormiam seus irmãos mais velhos, aquelles que antes d'elle haviam seguido o caminho do calvario, e d'onde pareciam chamal-o para o seio de Deus quando os seus passos vagarosos soavam por cima da pedra. N isso, e em mil coisas como estas estavam postos o seu amor, os seus affectos, as suas saudades, os seus dezejos. Era o seu mundo esse; e a vida, serena, callada, melancholica, balouçava-se-lhe suavemente n'essas affeições do retiro. ¿Porque lhe despedaçastes tudo isto? ¿Quanto vos renderam a enxerga, as sandalias, a lagem do sepulchro e o crucifixo? ¡Pobre velho! ¡Pobre velho!

«Mas nós — acudireis — não podiamos calcular essas coisas: não cremos em affectos moraes; temos cabeça, mas falta-nos coração, como convém a homens politicos. Os frades eram um elemento da sociedade antiga que cumpria annullar. Fizemol-o. E então?»

Então roubastes o diabo.

¿Pois o diabo era parvo, que vos désse palacios, carruagens, banquetes, prostituições, embriaguez, poderio, a troco de uma alma inteiramente morta para os affectos; que não comprehendesse nem a dor moral, nem as harmonias suaves que ha entre o universo e o homem? ¿uma alma sempre em noite, e na qual nunca penetrasse a saudade mysteriosa do céu? ¿De que lhe serviria para comvosco a sua terribilissima herança de uma eternidade de tormentos?

Enganastes por força o diabo! — enganastel-o traiçoeiramente, como mercadores judeus.

Oh.... deixa-me dizer tudo isto; porque a imagem do velho benedictino está gravada na minha alma como um remorso; e sinto lá fóra a chuva que lhe açoita as faces ardentes de febre, o tufão que lhe revolve as cãs venerandas, a torrente que lhe alaga os pés descalços. As lagrimas do sacerdote, só, mendigo, nú, esfaimado, são uma tremenda maldicção contra nós; maldicção que ha-de cumprir-se.

A arte moderna parece ter achado os mais poderosos meios d'excitar a compaixão e o terror: tudo quanto a arte antiga tinha pathetico e terrivel sentimol-o hoje frouxo e pallido. Se houvesse, porém, genio de bronze e de fogo capaz de traduzir em palavras humanas o drama horribilissimo das ultimas agonias da vida monastica em Portugal, aquelle que lesse uma só vez esse livro monstruoso e incrivel, poderia depois ao deitar-se conciliar o somno com o *Leproso d'Aosta*, com o *Fausto*, com o *Manfredo*, ou com os *Ultimos Dias de um Sentenceado*.

Quando em 1834 se extinguiu o antigo e celebre cenobio de Sancta-Cruz de Coimbra, aconteceu ahi um facto que póde até certo ponto dar uma idéa das primeiras scenas do negro drama, que ha oito annos começou a passar ante os olhos d'aquelles que ainda não abnegaram de todo a humanidade e o pudor. Expulsos os cenobitas, e inventariados os bens do mosteiro pelos commissarios d'esta obra brutal, quasi por toda a parte brutalmente executada, ainda uma cella d'aquelle vasto edificio ficava occupada por um dos seus antigos habitadores. Era um velho de oitenta annos, a quem o trôpego e quasi morto dos membros embargava o caminhar, e que por isso não podia seguir seus irmãos. Entrando no aposento encontraram o cenobita deitado no seu catre humilde, em cujo topo pendia o crucifixo, que por talvez sessenta annos tinha visto a seus pés consumir-se na meditação, nas preces, e na penitencia aquella dilatada vida. Estava só o ancião, e o silencio que o rodeava apenas era interrompido pelos gorgeios de uma avesinha, que pulava contente ao sol, n'uma gaiola pendurada da abobada. O velho parecia pensativo, como se adivinhára que era chegada para elle a hora do martyrio.

As passadas dos que entravam o moveram a volver os olhos: correu-os por aquelles rostos desconhecidos: depois tornou-os a abaixar. — ¿Que lhe importavam os homens do seculo? Elle não os conhecia.

Disseram-lhe então que era necessario sair d'alli.

«¿Porque? — perguntou o cenobita.

«Porque os frades acabaram: — replicou o mais eloquente e discreto dos verdugos, como se exprimisse a idéa mais simples e trivial d'este mundo.

«Porque os frades .....» repetiu em voz baixa o velho, sem concluir. Os labios não podiam levantar de cima do coração o resto d'aquella phrase monstruosa: ella lh'o havia esmagado.

Um sorriso estupido passou pelas faces estupidas de alguns dos circumstantes. No gesto espantado do cenobita liam elles a grandeza do esforço com que associavam o proprio nome á obra prima do seculo.

E com razão. O triturar assim um coração de oitenta annos era feito que excedia em heroicidade todos os que haviam practicado dois cavalleiros portuguezes, que lá embaixo na egreja continuavam a dormir nos seus leitos de pedra um somno de muitos seculos, e que se chamavam Affonso Henriques, e Sancho Adefonsiades.

¿Os olhos do ancião ficaram enxutos. Só accrescentou: «Mas para onde hei-de eu ir?»

«Para casa de vossos parentes: — acudiu o philosopho.

O cenobita correu a mão pela fronte calva, e respondeu: «já não tenho parentes na terra: todos me esperam no céu.»

«Então ireis para a de algum amigo»

¡«O unico amigo meu que ainda vive é aquelle!»

E apontava para a avesinha.

«O frade irá pois morar na gaiola do pintasilgo: — rosnou por entre os dentes um dos algozes, que tinha fama de gracioso. Não quiz porém communicar aos outros tal idéa. Tudo estoiraria de riso.

Alguem, que estudava ahi perto esta scena de progresso moral, não pôde todavia continuar os seus graves e terriveis estudos. Precisava de ar, da luz, de ver o céu. Atravessou ligeiro o longo dormitorio, e desceu a quatro e quatro os degraus das extensas escadarias. As lagrymas rebentavam-lhe como punhos.

Á portaria de Sancta Cruz as primeiras palavras que ouviu foram, que a municipalidade acabava de fazer um calvario no fundo de uma petição, escripta em vasconço por certo doctor affamado, na qual pedia ao governo lhe atirasse aquelle osso do mosteiro de septe seculos, para o roer até os fundamentos, e construir no sitio d'elle, não me lembra ao certo se um espogeiro, se uma sentina.

Era o estudo do progresso artistico apoz o estudo do progresso moral.

¡Quantos d'estes factos dolorosos se passaram n'aquella épocha por todos os angulos de Portugal! — Poderia contar-vos mil; e cada um d'elles sería uma nova scena de agonia. Os martyres primitivos morriam nos eculeos, nas garras das feras, nos leitos de fogo; mas não eram condemnados a viver assentados sobre as ruinas de todos os seus affectos, clamando ao Senhor durante annos: *Erue me! Erue me!*

Fizestes uma coisa absurda e impossivel: deixastes na terra cadaveres vivos, e assassinastes os espiritos.

Ao menos que esses cadaveres não sintam traspassal-os o vento que sibilla nas çarças, a chuva que alaga as campinas, o frio que entorpece as plantas e os membros dos animaes.

¡Pão para a velhice desgraçada! ¡Pão para metade dos nossos sabios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdocio! ¡Pão para os que foram victimas das crenças — minhas — vossas — do seculo, e que morrem de fome e de frio!

Senão, que os pobres monges inclinem resignados a fronte na cruz do seu martyrio, e alevantem uma oração fervorosa ao Senhor para que perdoe aos algozes, que n'ella os pregaram. É este o exemplo que na terra lhes deixou o Nazareno.

Mas que se lembrem os poderosos do mundo de que a oração de Jesus na hora suprema d'agonia foi desattendida do Eterno — e todavia Jesus era o seu Christo.

Que olhem para essa nação que fluctua ha dezoito seculos no pégo da sua infamia, maldicta de Deus, e apupada pelo genero-humano, sem nunca poder submergir-se nos abysmos do passado e do esquecimento.

Que se lembrem do proprio nome, do nome de seus filhos, de que ha justiça no céu, e na terra a posteridade.

Se nos seus corações restam vestigios de crenças humanas, que meditem uma hora, um minuto, um instante, n'isso tudo. Das profundezas de tal meditar surgirá uma idéa, que lhes fará manar da fronte o suor frio da morte; porque será uma idéa tenebrosa e terribilissima.

A. Herculano.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1449 De alguma importancia são unicamente as das cheias de rios por muitas partes, com estrago da agricultura e habitações nas margens, e de temporaes desfeitos com destruição de muitas embarcações e vidas. Só a *Inglaterra* consta já que perdêra 180 navios e 453 pessoas, que n'elles íam. O valor dos navios e cargas êsmam-n'o em seis milhões de cruzados.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1450 *Diario do Governo de 9 de março.* — Ordem do exército n.º 9. — Venda de bens nacionaes em Portalegre, Faro, Santarem, Braga, Villa-Real e Lisboa, no valor de 7:793$800 réis

Idem de 10. — Carta de lei relevando o governo do uso que fez das faculdades legislativas. — Annuncio do Thesoiro de que no dia 15 do corrente mez se ha-de proceder á arrematação do rendimento da urzella de Cabo-Verde. — Venda de bens nacionaes em Vizeu, Bragança, Villa-Real, Lisboa e Porto, no valor de 5:088$000 réis.

Idem de 11. — Carta de lei concedendo ao governo a faculdade de contraír um emprestimo de novecentos contos de réis com o contracto do tabaco.

Idem de 13. — Carta de lei ampliando o districto das alfandegas do Terreiro Publico e a das Septe Casas. — Venda de bens nacionaes em Coimbra, Portalegre, Braga e Vianna, no valor de 1:755$400 réis.

PROCISSÃO DOS PASSOS.

1451 A procissão dos Passos da Graça fez-se com luzimento e boa ordem; sendo acompanhada de muitas pessoas de distincção. Debaixo do andor íam seis

senhoras, e apóz elle umas trinta tapadas com seus véus pretos; e muitas d'ellas descalças.

No Rocio haviam aberto o tapume, e desimpedido o caminho pelo norte da praça na frente do theatro *agrião* para dar passagem ao Salvador com a cruz ás costas. — Houve quem dissesse, que fôra aquillo uma especie de ostentação, e querer mostrar á milagrosa Imagem que tambem cá se fazem milagres, edificando obras para a eternidade sem alicerces e contra a physica. Outros suppuzeram com mais verisimilhança, que fôra para implorar o auxilio do céu, para poderem vir a atinar com alguma resposta ás terriveis demonstrações, que por parte da sciencia e da arte continuamente se teem feito e se hão-de fazer contra aquella obra.

CIUMES.

1452 De toda a parte nos cercam os perigos, mas nunca tantos como no viver illegitimo e desordenado. Milhares de exemplos quotidianos e publicos comprovam esta verdade, tão trivial e tão esquecida: um terrivel acaba de acontecer no sabbado ultimo.

Um soldado da 3.ª companhia municipal de cavallo, tinha na sua casa em Alcantara uma casada, com quem vivia como marido com mulher. A belleza, que a elle o seduzíra, seduziu a mais alguem; e com o mesmo direito, com que a elle guardava, desejaram conquistar-lh'a: era zeloso; tomou providencias e dobrou a vigilancia; foi a sua perdição. Ás 11 horas da noite, entrava para sua casa, e ía já fechar a porta, quando lhe batem a ella pedindo lume para um cigarro; — abre e cae atravessado de um florete. Aos gritos do moribundo e da sua perdida companheira acode força, e dois assassinos são presos: um d'elles fôra soldado da 2.ª companhia de infanteria do mesmo corpo. Quando no dia seguinte passaram ambos para o *Limoeiro*, a turba, que os acompanhava, era egual ou superior em numero á que seguíra a *Mattos Lobo*.

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA.

1453 No *Patriota* de 10 do corrente lemos um artigo com este mesmo titulo, assignado *A. M. da Silva*, no qual (sem que os illustres redactores d'aquella folha accrescentassem coisa alguma para correctivo) se combate o nobre empenho, que alguns litteratos se impuzeram de assentar as suspiradas e tardias pazes entre os orthógraphos portuguezes. — Figura-se ao articulista abominavel audacia n'esses litteratos o pertenderem elles presentar ao publico uma proposição de escriptura uniforme, que, se for acceita, porá ponto na vergonhosa anarchia, em que ainda a este respeito laboramos, e provavelmente facilitará, como em Hispanha, o estudo das primeiras lettras. — Podéramos responder ao articulista, que todas as revoluções litterarias são e foram sempre feitas por sociedades ou individuos, e não por auctoridades governativas, que para taes coisas não ha nem póde haver: — que todos os preceptistas, diccionaristas, grammaticos e orthógraphos tiveram sempre o direito de apresentar os seus alvitres, como o povo tem o de lh'os acceitar ou recusar. O *Madureira*, que por muito tempo foi nas repartições publicas o legislador do *abc*, não valia de certo mais que os 13 collaboradores d'este futuro vocabulario, cujos nomes por sua ordem alphabética são os seguintes: — A. F. de Castilho — A. Herculano — A. J. Ramalho e Soisa — A. da Silva Tullio — J. A. Corrêa Leal — J. B. Almeida Garrett — J. C. de Figanière — J. F. Pereira Marecos — J. de Soisa Pinto de Magalhães — J. S. Mendes Leal Junior — L. A. Rebello da Silva — L. J. Moniz — S. Pinheiro-Ferreira, presidente.

Assim a exhortação que elle faz a seus pios ouvintes, para que não acceitem a novidade, é tão vã, e tão absurda, quanto é ridiculo o seu fundamento, que é, segundo elle diz, o *menospreço com que a Sr.ª Revista Universal Lisbonense, cujo illustre redactor é um dos membros da referida sociedade, parece tractar a orthographia e os orthógraphos, dizendo que d'esse trabalho nem sequer uma gloríola se póde esperar em recompensa.*

Fracas são as ambições do illustre inimigo da orthographia se realmente se persuade — que de um opusculo orthographico innominadamente composto por 13 individuos póde provir um tamanho luzeiro de celebridade, que a sua decima terça parte seja ainda bastante para deslumbrar de inveja a qualquer christão! Mas quando assim fosse, quando se soubesse com evidencia que todos os membros d'esta juncta haviam trabalhado com a mesma intelligencia e fervor, que nenhum havía sustentado opiniões regeitadas pela maioria, como queria o articulista, que o redactor da Revista Universal, que elle mesmo dá por um dos da conjuração, dissesse, — d'aqui ha-de me provir uma fama digna de ser perpetuada em monumentos com estatuas! — ¡ não seria isso abusar tambem dos typos e da paciencia dos leitores!

A sociedade orthographica trabalha com zêlo e assiduidade porque intende, que está fazendo obra, que todos os portuguezes judiciosos, e não pirrhónicos, hão-de acceitar.

E tão pouco é avára de tal honra, que de boa mente a repartirá com todas as pessoas, litterariamente habilitadas, que desejem ajudal-a. — Venha o auctor do artigo, e venha quem quizer, que as portas da livraria da Imprensa Nacional para isso estão abertas todos os domingos, desde o meio-dia até ás quatro horas da tarde. Se forem tantos os collaboradores, que não caibam na casa, far-se-hão as sessões na praça do Rocio ou do Terreiro do Paço para dar gosto ao Sr. Silva: teremos comícios orthographicos, teremos a democracía applicada á grammatica, o que não deixará de ser curioso, ao menos pela originalidade.

N'este mesmo artigo diz chistosamente o Sr. *Silva* que a *Revista Universal tem coisas*..... Agradecemos e acceitamos o elogio, pezando-nos com tudo o não podermos pagar-lh'o na mesma moeda; — o papel do Sr. Silva desgraçadamente não tem senão palavras.

P. S. No *Patriota* de hoje, Quarta-feira, em resposta a um artigo da *Restauração*, pouco mais ou menos no sentido do que se acaba de ler, vem uma especie de bulla do Sr. *Antonio Marques da Silva*, empregado na Bibliotheca Publica d'esta cidade, curta, mas substancial. Diz o Sr. *Marques* ser falso tudo quanto se escreve para o refutar, e dá como unica razão d'isso, que o auctor do artigo impugnado é elle. — A pobre infallibilidade do papa, affugentada, ha muito tempo, da cathedra de Roma pela philosophia theologica, já sabemos que veio finalmente refugiar-se nos dormitorios dos extinctos franciscanos na pessoa do Reverendo Sr. *Antonio Marques da Silva*: se mais cedo nos constasse não era aqui, no capitulo das noticias,

mas entre os conhecimentos uteis, que houveramos estampado tão boa nova. Em tempos de discussões e polemicas é uma felicidade saber-se onde reside a infallibilidade. — Passaram os oraculos de *Delphos*, — passou o *ipse dixit* dos pythagóricos; — passou o *cré ou morre* de Mafoma e dos inquisidores, mas ficou o Sr. *Antonio Marques da Silva* para os casos apertados — *¡ beatus venter qui te portavit, et ubera, quae suxisti!*

RESUMO DAS OBSERVÇÕES METÉOROLOGICAS DO MEZ DE FEVEREIRO DE 1843.

1454 Temperatura média das madrugadas 48,° 5 (7 e meio R) Dita nas horas de maior calor 57,3 (11 e um quarto) Dita média do mez 52,°9 (9.°) — Variação média da temperatura diurna 8°8 (4). Maior variação do calor diurno, em 3 do mez, 17,° (8). Maior frio a 5 do mez, 38.° (3°). — Maior calor a 20 do mez, 63.° (14) — Menor altura do barometro a 18 do mez, 732,3 millim. — Maior idem a 2 do mez, 764,8 — Média do mez 749,2, reduzidas á temperatura de 61.° F.

Ventos dominantes contados em meios dias N, 2 — NO, 15 — O, 10 — SO, 13, — S, 5 — NE, 2 — SE, 2 — B, 7. — *Estado da atmosphéra.* — Dias claros 2, — claros e nuvens 3 — cobertos 4 — cobertos com alguns clarões 1 — chuva ou chuviscos 18, inclusive um de graniso. — Ventosos 15, inclusive 5 de tempestades. — Nevoeiros 2. — Trovoadas 2 — de frio sensivel 3. — A chuva recolhida em todo o mez foi de 186 millimetros equivalente a 55 almudes por braça quadrada, ou mais do triplo da que costuma caír em um mez regular.

As quadras dominantes foram cinco: a 1.ª de dois dias ou a continuação da ultima quadra do mez antecedente, de temperatura macia, ar humido, densos nevoeiros, bonanças ou pequenas aragens do NE: a 2.ª de seis dias frios, ar secco, céu coberto, ventos rijos do NO, e dois dias de pequenas chuvas: a 3.ª de um só dia muito frio, ar secco, vento do NE mui rijo, e chuva abundante muito fria: a 4.ª de quatro dias tépidos, ar humido, ventos do NO a SO, muita chuva com algum granizo, e repetidos arcos iris: a 5.ª e ultima de 15 dias tépidos, ar muito humido, chuvas perenes e abundantissimas, com tempestades amiudadas do S. a SO, duas trovoadas, e fortes marés.

Foi portanto este mez de uma temperatura mui regular; porém abundantissimo em chuvas e tempestades, que tantas ruinas causaram n'este reino, assemelhando-se muito ao mez de fevereiro de 1841, egualmente memoravel pelas suas innundações, e estragos.

Phenómenos notaveis. — As abundantissimas chuvas que vieram no dia 9, e permaneceram quasi constantes até ao fim do mez, coincidindo com as grandes marés da lua cheia, que occorreram a 17 e 18, achando-se então perigéa, ou na sua menor distancia da terra, refluidas contra a sua corrente, pelas repetidas tempestades de ventos mareiros que se oppunham ao seu despejo no oceano, produziram as enormes cheias e innundações, que tão fataes foram ás margens do Tejo, Mondego, e Doiro, cujos espantosos estragos foram já descriptos nos antecedentes numeros da Revista. N'aquelle mesmo dia 18 baixou o barometro a 732 millimetros, o que no decurso de tantos annos de nossas observações, uma só vez presenceámos. Em 27 e 28 se repetiram as innundações no Doiro e Mondego, elevando-se as aguas n'este ultimo rio a uma altura que ainda excedeu á que atingiram nas memoraveis enchentes de 1804, e de 1821. — No Doiro aconteceu o mesmo phenomeno, correndo as aguas na primeira enchente de 18 com a espantosa velocidade de cinco legoas por hora, e arrastando immensos destroços de vegetaes, edificios, penedos e terra que desmoronaram alguns caes e entulharam de lodo e pedras as ruas e praças da parte baixa da cidade. Na cheia do Tejo, além das numerosas sementeiras de cereaes que foram arrastadas pelo impeto das aguas, foi ainda mais sensivel a perda de numerosos rebanhos de gado vaccúm, que se achavam dispersos nas pastagens d'aquellas vastas lizirias, e que não houve tempo nem meios de transferir para as margens elevadas do rio. As tempestades que se desinvolveram n'este mez, foram acompanhadas de duas trovoadas, e alguma chuva de granizo; porém a de 21 parece ter sido geral em todo o reino: em Lisboa, juncto ao sitio das Larangeiras, caíu um raio, e no mesmo dia eguaes phenómenos tiveram logar ao norte do Porto, e na villa de Guimarães, aonde causaram notaveis prejuizos no antigo e bello templo de N. S. da Oliveira. Parece pois que os rigores invernosos que no antecedente mez assolaram uma parte do continente europeu poupando o nosso territorio, demoraram a sua apparição até ao mez de fevereiro de tão triste recordação.

Additamento aos phenómenos de janeiro. — Pelas informações que colligimos, parece que as grandes tempestades que assolaram os mares da Europa occidental, se desinvolveram ao sul das ilhas de Cabo Verde, e que uma enorme columna de ar condensado nos tropicos, achando menor resistencia para o atlantico septemtrional, desinvolveu a sua feroz elasticidade n'esta direcção, destroçando em sua funesta marcha perto de 400 embarcações que pereceram ou naufragaram nas costas da Gram-Bretanha, França, Belgica e Hollanda, perdendo a vida mais de 800 homens de suas equipagens, e desapparecendo o cabedal de 8 a 10 milhões de cruzados.

O Mediterraneo não foi menos infeliz, repetindo-se alli as mesmas catastrophes, principalmente a que produziu o terrivel furacão de S. a SO. que desfechou sobre Genova a 12 de janeiro, o qual ainda excedeu á memoravel tempestade de 1821, continuando com mais ou menos violencia até 17. Causou enormes avarias nos melhores edificios da beira mar, assim como nas embarcações surtas no porto, das quaes algumas vararam nas praias, avaliando-se os prejuizos em mais de 7 milhões de cruzados.

Ao mesmo tempo que tão funestas catastrophes se realisavam ao occidente de Portugal, n'este reino decorria placido e bonançoso o mez de janeiro, notando-se apenas os repetidos nevoeiros que então appareceram, como percursores dos desgraçados acontecimentos do immediato fevereiro.

Necrologia de Lisboa e Belem. No mez de fevereiro foram sepultados nos tres cemiterios, 479 cadaveres, sendo 254 do sexo masculino, e 225 do feminino; maiores 287, e menores 192; do que se infere ter havido uma diminuição de 25 obitos sobre o médio normal d'este mez, deduzido das antecedentes observações.

M. M. Franzini.

TAFULARIA À MODA NORMAL.

1455 Certo sugeito que arrotava consideravel fortuna na Ilha Terceira, frequentava a casa das senhoras L. . . (n'esta cidade de Lisboa) Familia honrada e de probidade: uma das filhas da casa namorou-se do tal mancebo, este a pediu á Mãe, esta annuiu, o Parocho atou o laço e o noivo levou a Esposa para uma hospedaria, porque dizia o ilheu que estava em vesperas de embarcar para a sua ilha. N'esta hospedaria pois esteve o Par ditoso tres dias, e no fim do triduo o noivo fez víspere, dizem uns que embarcára, outros que anda por ahi vangloriando-se d'esta bambuchata!!

A menina volveu aos patrios lares, onde tudo é desgôsto, não só pela traição, como porque dizem que o homem não possue na ilha coisa que pague decima, e que de mais a mais é já casado com outra mulher! Bom sería que os Parochos fossem mais cautelosos e que as senhoras mães não entregassem suas filhas com tanta facilidade.

Correspondencia dos Pobres do Porto.

CADA QUAL NA SUA ESPHÉRA.

1456 Em um quarto do segundo andar da casa n.º 57 da rua do Crucifixo, ás duas horas da manhã do terceiro dia d'este mez, *Julio Trajani* levanta-se de repente do leito, onde jazia com sua mulher Helena Trajani. Esta, assustada com a extraordinaria expressão da sua phisionomia, corre á escada a bradar por soccorro dos visinhos, e volta a procurar seu marido: — o infeliz havia-se já lançado pela janella, e, respondendo com fracos gemidos aos seus gritos, expirava sobre as pedras da calçada.

Julio Trajani era sujeito a desarranjos cerebraes; — já por loucura acompanhada de delirios violentos havia estado, ha dois annos, recluso no hospital de S. José. Attribuem geralmente a sua loucura a um malôgro de sua ambição artistica. — Retratista soffrivel, e nada mais, *Trajani* abalançára-se a competir com mestres na composição de quadros: a cera das asas do pobre Icaro derretêra-se, e a sua razão succumbíra ao que elle julgava a sua deshonra.

Ha uma licção moral para filhos no fundo d'esta desgraça.

ACONTECIMENTO MISTERIOSO.

1457 N'uma das ultimas noites do mez passado, a horas já algum tanto adiantadas, recolhia para sua casa em carruagem um cavalheiro bem conhecido n'esta côrte. Trotavam pela rua da *Rosa das Partilhas* contra o *Moinho de Vento*, quando o boleeiro parou: segundo uns por estranhar levesa na carruagem, segundo outros porque o moço da taboa, sentindo que chovia, desejou descer para fechar os postigos e cortinas a s. ex.ª, que, pelo que dizem, vinha de uma lauta cêa, e podia muito bem estar dormindo. — ¿Qual não seria porém o seu espanto, achando vasia a carruagem, onde o haviam mettido? — Lembraram-se primeiro de bruxas, logo de raptadores: mas bruxas não podia ser — a meia-noite, que é a sua hora, tinha dado havia muito; — e raptadores, não consta que nunca os houvesse para anciãos, mas que sejam excellentissimos. — O pavimento da caixa não está roto, logo visivelmente o patrão, cegando-os a ambos, havia saltado ou caído para fóra. Retrocedem a procural-o: encontram-lhe o capote, — depois o chapéu, — mais adiante o carachá, — a final o corpo, fóra de si, e com uma perna deslocada. Enfeixaram e reconduziram tudo fielmente para casa.

Esta é uma das versões, mais espalhadas, de um caso certamente extraordinario. Alguns contendem, que, apesar de serem n'este sentido concordes as declarações de ambos os criados, as contusões e desmancho da perna do cavalheiro procederam de outra origem. Não toca á imprensa investigal-o.

QUEM NÃO TEM FORTUNA &.

1458 — Lê-se no *Patriota:*

«No hospital de S. José, enfermaria Sancto Amaro, cama n.º 28, achava-se, segundo nos dizem, um desgraçado que para alli tinha sido conduzido com uma perna quebrada. Estava esta perna no competente apparelho, e seu infeliz dono, indo a fazer um movimento, quebrou a outra.»

MACROBIOS.

1459 «O nosso contemporaneo da *Revolução de Septembro* menciona, no seu ultimo numero a existencia de um pobre alfaiate de Carapito da Beira, o qual já conta 105 annos de edade, e não só trabalha ainda pelo seu officio, mas tambem na lavoira, andando a pé sobre a grade atraz de uma juncta de bois.»

«Similhantes exemplos teem sido apontados pela *Revista Universal*, como grande numero o havia já sido pelo *Independente*, e começa a generalisar-se a convicção de que essas excepções da lei commum, essa aristocracia da natureza tem entre nós pelo menos tão numerosos membros como nas terras mais celebres pela longevidade dos seus habitantes.»

«Por via do Sr. *Antonio José Alves dos Sanctos Pereira*, capitão commandante do corpo de veteranos da primeira divisão militar, sabemos de um novo caso egualmente extraordinario. Existe na companhia de *Setubal* o soldado n.º 42 *Bernardo Antonio*, natural da freguezia das *Colmeias*, filho de Manuel Francisco; este soldado nasceu a 19 de janeiro de 1739 e assentou praça em 3 de agosto de 1753. Tem por conseguinte 104 annos de edade e 74 de serviço! Ainda hoje faz este respeitavel ancião serviço ao quartel. Mas, pergunta-se: ¿qual seria a sorte d'este decâno do exercito portuguez se os annos e as enfermidades totalmente lhe tolhessem o trabalho? ¿74 annos successivamente empregados no serviço do seu reino não lhe darão jus a um ócio independente? ¡E este homem morre soldado e não sabemos com quantos réis de soldo, como os tinha já no principio do reinado de elrei D. José! Viu longos reinados de septe soberanos; póde contar-nos a historia d'elrei D. João o *Magnanimo*, como testimunha presencial; — e de tão aturados trabalhos lhe não resultou nem uma vantagem, nem uma distincção.»

«Ao menos esse princípio de emulação militar, pelo que respeita á duração de serviços e antiguidade, conhecia-o o usurpador.»

Até aqui a *Restauração*. — A estas sensatas ponderações só falta accrescentar o que por vezes se tem pedido na *Revista Universal*, e até hoje, com pouquissimo ou nenhum fructo. ¿Que importa saber que em tal ou tal terra existe ou morreu um individuo com admiravel numero de annos, se se não souber quaes foram provavelmente as causas, que para isso contribuiram? — o seu modo de viver em tudo, no comer, no

beber, no vestir, no dormir, no trabalhar, etc., etc., etc.: — colligido grande numero de factos de macrobía com estes seus respectivos commentarios, poderá a higiene publica e principalmente a domestica aperfeiçoar-se, e cada um habilitar-se para uma invejavel longevidade: — ninguem melhor nem mais facilmente do que as auctoridades administrativas poderia collaborar para esta humanissima obra. Novamente o pedimos a todas em geral e a cada uma em particular, e novamente lhes offerecemos, para essas e quaesquer outras uteis publicações, as nossas columnas.

O CHÔRO E O RISO.

1460 « Emquanto a cheia — (diz uma carta de *Coimbra* ao *Periodico dos Pobres no Porto*) — levava o susto, a desesperação, e a morte aos habitantes da Cidade baixa, uma das principaes auctoridades *tocava rabeca* no Theatro Academico, e outra *viajava pelas ruas innundadas á procura de damas para encher os camarotes!* N'essa medonha noite havia Theatro, e em quanto n'elle se soltavam grandes gargalhadas, mil gritos e gemidos soavam de todos os angulos da Cidade! horrivel contraste! O Theatro era pouco numeroso, a platéa estava vazia, e muitos dos camarotes se encontravam fechados. »

HOMICIDIOS.

1461 Por uma correspondencia da *Revolução de Septembro* consta que em *Monção* houvéra nos seis mezes, que findaram com o janeiro ultimo, nada menos de cinco assassinamentos. — O derradeiro dos cinco foi acompanhado de uma circumstancia singular. *C. Ligeiro* juncto de sua casa e ao olho do sol cae varado de um tiro. De seus dois matadores um é ecclesiastico, e lhe offerece confissão, porque não é a alma que lhe elles querem matar: — o moribundo recusa: — segundo tiro lhe abrevia as ancias do passamento!

TRACTAMENTOS.

1462 A mulher de um escrivão provinciano, — segundo refere na *Revolução de Septembro* um de seus correspondentes, — tinha posse antiga, pacifica e não interrompida do tractamento de *dom*. *Dom* illegitimo na verdade, como tantos; mas como tantos e como todos innocente por sua completissima insignificancia. Como aquelles que á força de repetirem uma peta, que inventaram, chegam a final a persuadir-se d'ella, — disfructava a boa mulher o seu *dom*, com a mais plena boa fé, e *dona* se assignou com seu marido n'um requerimento para uma acção de força contra outro escrivão da mesma terra, — intentada não sabemos porquê: — sabia-o porém o adversario: e para obstar ao andamento do processo com uma boa sobre-roda logo no principio d'elle, se lhe oppoz com uma excepção, argumentando, não contra o *diz*, nem contra o nome, mas simplesmente contra o *D.*, que o precedia, ao qual se arremessou armado como um philisteu com a ordenação do liv. 5.º, tit. 92, § 7.º, e as leis de 3 de janeiro de 1611, e 9 dicto de 1739.

« Contra uma fraca dama, ó carniceiros,
« Ferrozes vos mostraes e cavalleiros!

— Triumphou. — O juiz recebeu a excepção: condemnou a dama a passar sem *dom* o resto da vida: e riscaram-lhe o *dom* dos autos, que mais se não podesse ler. — Requereu a despojada na maior consternação allegando com a posse e uso: e as anachronicas entranhas de ferro do magistrado permaneceram inabalaveis.

O narrador do feito desenrola diante das leitoras este sudario para as exhortar a não quererem tractamento, que pelas ordenações e leis do reino lhes não compita: — é o mesmo que ensinar fabulas de La Fontaine a meninos, ou prégar redomas para beldroégas em Portugal. — Mas fallando sinceramente, não vemos no moralisador razão alguma de tomo para tal empenho — ¿que mal fazem hoje o *dom*, a *senhoria*, a *excellencia*, e todas as mais distincções de egual jaez? — Nenhum: nem sequer já são ridiculas; — quando as castas eram e se queriam estremadas — quando palavras e fitas se guardavam para recompensas de serviços, havia força porque havia razão n'essas pragmaticas; ¿mas hoje . . . . . ? — antes nos parece, que se chegassemos como quer que fosse a uniformar os tractamentos, a usarmos todos indistinctamente do *dom*, e da *excellencia*, como já usámos do *vós* e como os antigos usaram do *tu*, os auctores de novellas e os de theatro ganhariam n'essa innovação uma grandissima facilidade para bem escrever:

« Vossa excellencia e vossa senhoria:
« Juraram nunca entrar na alta poesia:

— diz o nosso bom *Felinto* e diz verdade: ¿mas d'onde provem isso? — Da não generalidade. Quando çafadas pelo uso, *senhorias e excellencias* ou forem para todos sem excepção, ou por inuteis cederem a vez — não dizemos ao *vossa mercê*, mas simplesmente ao *vós*; a esse vós patriarchal d'onde se deriva o *vossa* que se intrometteu com a *mercê*, e que ainda agora se intromette com a *senhoria*, com a *excellencia*, com a *alteza*, com a *magestade*, com a *eminentissima*, e com a *sanctidade*; — quando n'isso, que é sensato, imitarmos não só a nossos maiores, mas a toda essa França polidissima, á Inglaterra, e tanta parte da Europa, teremos ganho muito para a eloquencia e para a litteratura, e tambem para a liberdade, e muito mais para a civilisação.

SUBSCRIPÇÃO PARA O MONUMENTO.

1463 Consta-nos que muitas pessoas, principalmente artifices empregados em estabelecimentos do estado, tendo recebido a ordem de concorrer com o donativo voluntario para o monumento, assignaram o seu nome com a declaração de que dariam o dinheiro se a obra fosse de portuguez.

SENTENÇA MILITAR.

1464 No supremo conselho de justiça militar em sessão do dia 11 de março foi sentenceado o capitão *Francisco de Soisa Canavarro* pelo crime commettido contra a pessoa do major *João de Sá Nogueira*. Demissão do posto, e degrêdo de dez annos para a Africa, eis a pena a que os juizes o condemnaram. — O advogado do réu o Sr. *Ferreira da Cunha* com um brilhante discurso de duas horas, haveria indubitavelmente vencido a causa, se a causa não fosse invencivel. O talento e saber d'este advogado são geralmente reconhecidos no fôro. As causas mais desamparadas e odiosas soccorridas da sua eloquencia, transformam-se em assumptos, se não de simpathia pelo menos de uma poderosa compaixão.

Nós o escutámos n'aquella noite solemne, em que *Mattos Lobo* tinha de ouvir perante o jury a sentença de morte: — e diante dos instrumentos do maleficio e das roupas ensanguentadas das victimas, o nosso coração como o de todos os circumstantes se sentiu por momentos abalado.

OLHO VIVO COM OS TAES MELROS.

1465 Um francez n'esta cidade namorava uma menina: — pediu-a, concederam-lh'a. Foi-se a varias lojas comprar o necessario para pôr casa; mobilia, loiça, e até joias para a futura; e fez logo conduzir tudo, promettendo pagar no dia seguinte (tinha boa presença e melhores palavras, fiaram-se n'elle.) — No dia seguinte já tudo estava revendido; a noiva chorava; e o seu cruel Theseu sulcava as ondas, cantando, ao som do tinir da bolsa, —

O France, o ma patrie,
Toujours chérie,
Tu rempliras mon cœur.

CAPITULEMOS COM A ÓPERA LYRICA.

1466 Lemos na *Fama* — que *Rossini* tinha escripto ou tencionava escrever ao director dos *Condes* uma carta de agradecimentos, por haver feito representar alli o seu *Barbeiro*. — E ouvimos que *Donizetti*, invejando ao antigo compositor uma tamanha honra, faz todas as diligencias para que no mesmo theatro representem tambem os seus *Martyres*; e que n'uma enternecida missiva, endereçada para este fim ao Sr. *Sargedas*, se leem estas palavras: — *Caro, e dolcissimo mio Sargedini! Vi prego d'impiegare tutto il vostro potere, onde i miei Martiri cantati da voi, lo siano davvero.* — Não affirmaremos, que nenhuma d'estas duas cartas se escrevesse, mas o que parece certo é, que todos os barbeiros de Lisboa tencionam dar um baile á companhia normal pela felicidade, com que nacionalisou portuguez o seu confrade de Sevilha. Não coube no tempo o ser no entrudo; presume-se que ficará para a *serração da velha*. O programma determina que toda a musica ha-de ser de viola; que se não ha-de cantar senão — *sou um barbeiro de qualidá*: — e que nenhum convidado será admittido senão com cabelleira. — Os retratos do Sr. Subtil e do Sr. Sargedas hão-de ornar os dois topos da sala, o do director normal brilhará no centro do *plató*, que ha-de representar um monumento com estatua de papelão, para o qual já se andam a tirar subscripções, não se acceitando a nenhum mestre menos que o preço de uma barba, que é um pataco.

SPECTACULOS.

1467 No theatro do Porto foram prohibidas pelo governador civil as representações nos domingos de quaresma. A praxe antiga portugueza essa era, e de mais ordenava que durando o tempo sancto só oratorias se podessem executar. Em Inglaterra e em outros estados protestantes em nenhum domingo do anno se consentem os spectaculos: — mas em Lisboa não só se teem dado e se hão-de dar em todos estes domingos sem selecção alguma de dramas, senão que para sabbado 18 já no normal dos normaes está annunciado para depois do *Copo d'agua* o *Cabrito Montez*. Para consoada parece-nos que não é das mais escrupulosas. O *Cabrito Montez* é uma das muitas devassidões conhecidas d'aquelle reportorio: fazendo esta advertencia obzequiamos ao beneficiado o Sr. *Lisboa*, porque ha spectadores e spectadoras que então preferem o theatro, quando mais normal se mostra n'este genero.

Emquanto coisas taes se toleram em Lisboa, um livreiro em París — ¡ em París — chamado *Lemiern*, é condemnado a uma grande multa e cinco annos de prisão por vender *Parny* e *Piron*!

FATAL MANÍA.

1468 Domingo ultimo pelas 4 horas da manhã, passando uma patrulha municipal pela rua de S. Bento, juncto ao arco, sente abrir uma janella, e logo baquear-se sobre a calçada um pesado vulto: accorre, e dá com uma mulher feita pedaços. Ao mesmo tempo desce, gritando, e em grande tropél a familia da casa, que, despertando ao abrir-se a janella, e erguendo-se em sobresalto, achára de menos em sua cama a desafortunada, que alli agora jazia n'um lago de sangue ao ar frio da manhã. Os soldados a ajudaram a conduzir para casa, onde, passados instantes, expirou. — Maria era o seu nome; a sua edade 44 annos. Desvairada de siso, havia tempos, persuadíra-se a coitada de que a sua hora estava marcada para um domingo d'esta quaresma: — prophetisára-o; não quiz deixar a prophecia mentirosa.

PHILOCANÍA DE UM INGLEZ.

1669 Se ao amor dos homens se chamou *philantropía* — não vemos, porque se não chamará philocanía ao amor dos cães: é esta uma virtude de menor escala, mas entretanto virtude; o Alcorão a recommenda, e os inglezes mesmos a praticam.

Sabbado 25 de fevereiro, passava um inglez com um cãozinho pela rua das *Gávias*; dobrava a esquina da travessa da *Espéra*, quando o doidinho do seu companheiro n'um salto, que deu desatinadamente, desapparece de súbito. — Attonito o pobre homem, assobía chamando-o; — ás suas vozes respondem latídos, mas latídos consternados e subterrâneos. O infeliz havia caído para dentro da sargêta da rua, e, vestal de nova especie e sexo, via-se condemnado a morrer nas entranhas d'aquelle fôsse sem que nenhumas lagrimas inglezas lhe corressem por cima do lombo. Em vão a generosidade britânica enchendo de cobres as mãos ambas estimulava as diligencias e esforços de todos os gaiatos do bairro; por mais que estes mergulhassem pelo buraco os braços nús, por mais que misturassem com os assobios termos seductores e attractivos para um dógue, o animal, emvez de os ajudar, se alongava cada vez mais pelo subterrâneo, ou estranhando a lingua, ou temendo os rapazes, ou allucinado pelo terror da sua infausta situação. — Um inglez não cede ás difficuldades: — o nosso manda chamar o cabo de vigia, e o inspector das calçadas; faz descalçar a rua á sua custa, segue com a obra na direcção dos uivos: alcança a cabo de cinco horas o seu perdido thesoiro, postoque trocado de branco em preto e perfumado com todas as essencias d'aquelle mundo subterrâneo. — Os mutuos transportes do encontro; o que de parte a parte se grunhiram e se uivaram, não cabe na eloquencia humana o repetil-o: — todos os circumstantes riam de enternecimento. Mais feliz que Orphêu, reconquistando a sua Eurydice, e mais acautellado do que elle, embrulhou o objecto

dos seus amores n'um lenço de seda, e foi sem duvida jantar como um homem completamente feliz.

Temos sido até hoje tão ommissos em relatar glórias inglezas, que avidamente aproveitámos a occasião de celebrar esta para servir de *drawback* áquellas affamadas historias (1) das sevícias commettidas nas minas de Inglaterra contra mulheres e creanças, á do navio hispanhol (2) a cuja tripulação e officialidade os inglezes pregaram as mãos e pés sobre a tolda, e, desamparando-os com as vellas sôltas, os deixaram para ir morrer onde Deus quizesse, ou á d'aquelles tristes, que durando o cêrco do Porto, fugindo de uma excursão a Villa Nova, caíndo no Doiro, agarrando-se ás amarras de um navio britânico, e, pedindo a gritos a salvação, foram pacificamente arreados para o fundo e affogados. — Sim — devemos ser justos até para com inglezes; quando alguem disser que os abolidares da escravaría estão fazendo em *Serra Leóa* o mais perfido e abominavel tráfico de escravos (3), queremos que se lhe possa com verdade responder — « ¡ ¡ um inglez em Lisboa na esquina da travessa da *Espéra* para a rua das *Gávias*, aos 25 dias do mez de fevereiro do anno da Graça de 1843 salvou da lama o seu cãozinho ! ! »

O COMETA.

1470 Quarta feira 8 d'este março se viu pela primeira vez em Lisboa o grande cometa que todas as noites tem continuado a visitar-nos.

O sobresalto, que taes hospedes causam sempre, tem sido geral em todas as Hispanhas. Mal se apaga o crepusculo da tarde já as janellas e praças das cidades, os terreiros e lombas das aldêas se povoam de spectadores, e refervem com mil diversas conjecturas. Cada qual levanta ao monstruoso viajante os testimunhos, que menos temerarios lhe pareeem: — um quer que presagie esterilidade; outro revoluções e guerras: muitos, fundados na simples razão do nome de cometa, novas decimas e tributos: as cheias dos rios, os naufragios do oceano, os raios contra os doirados da *Senhora da Oliveira* em Guimarães e contra a opera lyrica nas *Larangeiras*, tudo á uma, se lhe lança ás costas: amiudam-se os testamentos e as confissões geraes, e certos gastrónomos tractam de comer e beber á regalada visto que póde o mundo estar por pouco. Assim foi sempre em todos os tempos e em toda a parte; na China como em Roma; na França como na Africa; na America do sul como em Portugal. — Escreveram-se muitos livros, fautores d'estas abusões, e tiveram elles mais effeito que o especioso discurso em que o jesuita *Vicente Guinisio* sustentou que pelo contrario eram os cometas correios de boas novas. O insigne astronomo *Sejour* no seu *Tractado dos cometas que se podem approximar á terra*: provou com fortes argumentos, segundo é voz entre os da sciencia, serem estes corpos celestes egualmente incapazes de benificio e de maleficio para comnosco; eram os Galbas, Othons, o Vitellius d'aquelle Tacito da astronomia. O terror, que o de 1778 infundiu na povoação de França, lhe dictou aquella obra, com que tamanho serviço fez a toda a gente.

Assentado pois como certo que não ha que recear do nosso cometa, tractemol-o com familiaridade e preparemo-nos para o medir quando a lua, que por ora lhe toma a visita o deixar sosinho resplandecer á sua vontade: os instrumentos dos astronomos ahi estão já assestados nos observatorios da Eschola Polytechnica e dos Inglezinhos, aguçados os ingenhos calculativos, aparadas as pennas, e o papel a ponto á espera do sabbado ou domingo: — só então é que elle ha-de patentear toda a sua apparatosa magestade. Hoje terça feira á meia noite pouco podemos ainda dizer d'elle. Mas esse pouco eil-o aqui, tal como do colloquio de um habil mathematico, nosso collaborador (o Sr. Franzini) o acabamos de colligir.

Na quarta-feira, se estreou no nosso céu meia hora depois do pôr do sol: a sua cauda foi a unica parte, que por então mostrou (se não é malfazejo, cortez ninguem de certo o chamará): similhava esta a um arco iris, salvo que emvez de ter cores engraçadas, era pallido, e remedava a via láctea. Á proporção que a luz da lua foi crescendo foi-se a d'elle entibiando.

Uma das maravilhas d'este cometa, um dos maiores que se tem observado, é o descompassado comprimento da sua cauda. — Suppondo que dista da terra dez milhões de leguas, que provavelmente se não achará ser menos, será a extensão visivel da tal cauda de cinco a seis milhões de leguas, isto é, sessenta vezes mais estirada que a distancia da terra á lua; e é parallela ao equador que se alonga esta monstruosidade de cauda, cuja largura excede um pouco ao diâmetro da lua ou meio gráu.

A posição do *nucleo* ou corpo do cometa é no extremo da constellação da *baléa*, e a cauda termina ao sudoeste da bella estrella rija da constellação do Orion: em má visinhança a tinha a ser o Orion esgrimidor de espada como sempre os poetas classicos o chamaram.

No fim do crepusculo de hontem já o corpo do cometa se descobriu na elevação de 8 a 10 gráus sobre o horisonte, e já não ha duvida em que o seu movimento se faz de occidente para oriente, na mesma direcção dos planetas, pelo que todos os dias se vae affastando do sol, e fazendo-se muito mais visivel.

O diâmetro do nucleo parece um tanto maior do que o diâmetro de Jupiter, sendo a sua luz baça, e a sua periferia mal determinada como a dos planetas.

Sabbado ou domingo proximo não se haverá mister de grandes telescopios nem ainda de olhos de lince para o desfructar.

Aqui nos despedimos de nossos leitores até quinta feira 23. Se algum de nós não chegar lá, não será por certo culpa do cometa.

---

(1) Veja-se o folheto intitulado: — *Horrible Treatment of Children and Females in mines. etc.* Horrivel tractamento das creanças e mulheres nas minas. — Condição das creancinhas e mulheres empregadas nas minas de carvão e outras — extraído do Appendix ao 1.º relatorio da commissão encarregada de examinar o emprêgo das creanças n'este objecto — Compreende duas mil paginas de *folio*. Segundo a expressão de um dos commissarios assistentes — « estes relatorios apresentam o quadro de uma mortal oppressão physica, e escravidão sistematica, cuja existencia não « será accreditada por quem a não conhecer. »

Novamente publicada, pelo preço de 2 schelings e 6 pences; com as gravuras e franco de porte, mais um scheling. Vende-se em casa de W. Strange, 21 Pater-Noster-Row e em todos os livreiros do costume.

(2) Vide o *Musée des Familles* de janeiro de 1839.

(3) Veja-se *Le Constitutionnelle* de 22 de janeiro d'este anno, no artigo *Nouvelle espéce de traite des noirs.*